

# Mudanças e continuidades na família

## Cadernos de Pesquisa - a família em destaque

BRUSCHINI Cristina COSTA Albertina de Oliveira e SARTI Cynthia (org.)

São Paulo Fundação Carlos Chagas 1994 n 91

Marcando a passagem do Ano Internacional da Família celebrado em 1994 os Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas nos oferecem essa coletânea dando prosseguimento a promoção do debate multidisciplinar sobre questões controvertidas e atuais como as que revestem o tema Família. Reunindo artigos de 10 pesquisadoras nove delas vinculadas a instituições paulistas essa publicação traça um panorama diversificado não apenas em seu conteúdo empírico fruto de pesquisas em universos e tempos distintos como também em suas abordagens teóricas.

A forte presença feminina no campo dos estudos sobre família e por si só como já ressaltou Roberto da Matta<sup>1</sup> reveladora da maneira como a sociedade classifica e ordena hierarquicamente os seus domínios através de uma especialização entre gêneros. A família se impõe como assunto de mulher o que vem sendo confirmado não apenas pela manutenção dessa tendência na produção recente sobre o tema a presente publicação sendo um exemplo como também pelas pesquisas empíricas que reafirmam a centralidade da mulher no espaço familiar transformando a em informante privilegiado e por consequência reificando a simbiose entre mulher casa e fami-

lia. No entanto e na relativização dessa identidade que consiste uma das principais contribuições deste número dos Cadernos de Pesquisa.

Destaca-se a reflexão de Cynthia Sarti que expõe com simplicidade e clareza parte dos resultados de sua tese de doutorado fruto de muita sensibilidade e observação aguçada da dinâmica das relações familiares de camadas pobres de um bairro da periferia de São Paulo. O seu argumento vai na direção de pensar a família não apenas como um grupo de pessoas relacionadas por laços de parentesco mas como uma **ordem moral** na qual o homem se destaca como figura de autoridade e respeito posição que não é garantida simplesmente pela função de provedor mas por um conjunto de valores que estrutura as relações no interior do grupo familiar definindo hierarquias e obrigações morais. Assim a inexistência de um chefe masculino não altera o princípio da autoridade moral centrada na figura masculina. Uma ampla **rede** de relações familiares se constitui no esforço de preencher as lacunas deixadas pela ruptura do casal buscando restabelecer o **eixo moral** em torno do qual a noção de família se constrói e ganha sentido. Entendida como um **sistema de obrigações morais** a família e também uma **linguagem** que traduz, de maneira específica o mundo social orientando e qualificando as relações dentro e fora da casa.

Cruzando a Psicologia com a Antropologia Rosa Maria Macedo se orienta na mesma direção apontando para a noção de família como uma ideal que norteia as experiências individuais marcando a construção das subjetividades. Preocupada com a intervenção do terapeuta a autora contribui com a crítica as abordagens positivistas que naturalizam as relações familiares e universalizam o modelo da família burguesa. Ao chamar a atenção para a diversidade das conceituações de família e das formas de organização familiar relativiza a ideia de uma família normal sem problemas.

<sup>1</sup> Ver especificamente DA MATTA R. A Família como Valor: considerações não familiares sobre a família brasileira. In ALMEIDA A et al (org.) *Pensando a Família no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987, p. 115-136.

abrindo espaço para a família de cada um o que reforça a necessidade de se diversificar os modelos orientadores da prática do terapeuta principalmente no que se refere as famílias pobres mas não exclui a possibilidade de famílias disfuncionais e com baixa capacidade de adaptação para as quais a Terapia Familiar seria indicada. Aqui ao tentar pensar a prática a autora abandona parcialmente a relativização indicada pela teoria deixando se orientar pela ideia da função adaptativa da família.

O distanciamento entre a prática das relações familiares e os modelos socialmente hegemônicos é uma inquietação presente em vários artigos. A pesquisa apresentada por Ana Maria Goldani *abrindo a coletânea nos coloca de imediato essa questão*. A partir de uma cuidadosa análise dos Censos Demográficos a autora apresenta dados reveladores de uma mudança profunda no padrão organizacional da família expressa no aumento da taxa de ruptura de casais e no conseqüente incremento do número de famílias reconstituídas. É interessante que este estudo estatístico sobre um amplo universo (o Brasil) aponta para conclusões que confirmam certas pesquisas qualitativas. A dinâmica demográfica revela um processo contraditório que inclui tanto um sentimento de falência da família quanto um reforço de relações tidas como familiares através de redes de solidariedade que se estendem além dos laços de parentesco. Associando a mudança das condições de reprodução a mudança dos padrões de relações familiares a autora constata ao contrário do que foi observado por Cynthia Sarti uma crise dos modelos de autoridade provocada sobretudo pela entrada da mulher no mercado de trabalho.

Ao traçar o perfil dos arranjos domésticos no Brasil acentua a importância da função adaptativa da família e reforça o papel do Estado na formulação de políticas públicas que assegurem condições mínimas de vida à população pobre. Pensando o futuro da família brasileira este estudo contribui para relativizar a abrangência do padrão da família nuclear brasileira e para a possibilidade de novos arranjos domésticos constituídos em torno de outros laços que não os de parentesco.

Abordando os discursos da Igreja Católica e do Estado como matrizes de referências para vivências familiares Ivete Ribeiro também discute a ruptura e permanência de valores relacionados a família no período de 1964 a 1984 tomando como foco de análise o debate sobre o planejamento familiar o aborto e o

divórcio. A inadequação entre os princípios ordenadores e as práticas estaria evidenciada pela fragmentação do modelo hegemônico de família e a concretização/proposição de novas referências sobre a sexualidade a reprodução e a união amorosa. No esforço de construir uma adequação mínima o Estado e a Igreja atuariam enquanto instituições ordenadoras de forma contraditória e complementar evidenciando se um desatrelamento entre as matrizes de referência das duas instituições no qual a dissolubilidade do casamento seria um marco histórico.

É levantada a questão da natureza do processo em curso até que ponto estaríamos presenciando uma mudança de valores que estariam perdendo a sua essencialidade ou ao contrário uma mera recodificação da ordem já estabelecida? O artigo conclui afirmando que uma nova moralidade teria sido responsável pelo recuo da Igreja em sua hegemonia enquanto instituição ordenadora da família. Enfatiza no entanto que o surgimento de novos valores e a quebra do consenso nos mecanismos socializadores não implicariam necessariamente a eliminação das antigas referências constatando se a convivência de éticas diferenciadas no interior dos modelos culturais.

Preocupada em discutir os requisitos para a construção de uma cidadania democrática Maria Lygia Quarim de Moraes traça um interessante paralelo entre o lugar da criança na família e a formação de um sentimento de justiça que fundamentaria a noção de cidadania. Pensando a infância no contexto da crise da família contemporânea ocidental discute as implicações do processo contraditório em curso onde o modelo tradicional de casamento sustentado na progenitura convive com o ideal do casal igualitário. Inspirada em Giddens problematiza os caminhos apontados pelo modelo democrático de relação afetiva e historiciza o questionamento da maternidade promovido pelas feministas para então indicar na direção oposta a de Badinter e de Aries sobre o lugar do sentimento na criação de um filho e na produção de uma infância feliz. Sustentada em Winnicott e em Piaget desenvolve o argumento de que o amor e o respeito mútuo entre pais e filhos são qualidades fundamentais para o desenvolvimento da autonomia moral e assim para o exercício da cidadania democrática. Conclui lembrando que para preencher essas funções sociais a maternidade deve ser reconhecida como voluntária o que implica o direito ao planejamento familiar e ao aborto.

A preocupação com a infância e a adolescência também é tema de estudo de Fúlvia Rosenberg que expõe o rigor da metodologia empregada no levantamento por ela coordenado da estimativa de crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de São Paulo. Recusando a assumir a associação que normalmente se faz entre pobreza e abandono de crianças, esta pesquisa nos revela um outro perfil da população de **crianças em situação de rua** enfatizando a dimensão temporal do estar na rua e a diversidade das condições familiares e das formas de uso da rua por esta população.

Quanto aos resultados, o primeiro impacto é sobre a dimensão da população contada, significativamente inferior às estimativas produzidas nos anos 80. Outro dado relevante é a capacidade ociosa de alguns albergues noturnos, ainda que o número de vagas seja inferior ao de crianças e adolescentes que pernoitam na rua. Finalmente, a pesquisa nos revela uma imagem da vida dessas crianças/adolescentes que diverge muito do estereótipo veiculado pela mídia. A luta pela sobrevivência e um baixo índice de atividades infracionais são as características mais marcantes. O artigo termina com um conjunto de sugestões para a ação.

Jerusa Vieira Gomes aponta alguns problemas na atribuição da tarefa de socialização primária à família. Identificando a instituição com grupos domésticos, a autora parte da constatação da pluralidade de formas de organização familiar para se deter na reflexão sobre famílias de camadas populares urbanas, ressaltando o papel dos pais na mediação entre a sociedade e as crianças. Além do pertencimento a uma classe e a história familiar pessoal e ocupacional dos pais, que acrescenta elementos explicativos importantes ao estudo do processo socializador. Considera ainda o aspecto emocional inerente à aprendizagem, destacando o peso das atitudes de submissão, resignação, conformismo ou rebeldia dos pais face ao mundo em que vivem. Finaliza lembrando a existência de outras instâncias socializadoras, além da família, e ressalta que a socialização não é nem vocação da mulher, nem obrigação exclusiva da família. No caso das camadas populares, chamando a responsabilidade do Estado através de políticas públicas mais eficazes.

Dois artigos refletem a família numa perspectiva histórica. O de Mary Lucy Del Priore vai incidir também sobre a questão da abrangência do modelo de família nuclear. Contrapondo-se a Gilberto Freyre, sustenta que o cenário familiar

da Colônia era "prosaicamente nuclear" no entanto, revela toda uma rede de tramas cotidianas que envolviam famílias da elite e filhos bastardos de mulheres de classes subalternas. O artigo nos apresenta interessantes trechos de inventários e testamentos que atestam a prática difundida entre as mulheres da elite de se responsabilizarem pelos filhos bastardos de seus maridos. O exercício dessa maternidade múltipla e o caráter matrifocal das unidades familiares engendrariam redes de auxílio mútuo que resultavam na valorização da mulher como uma figura central no suporte de um tipo de família que a autora qualifica de família no **feminino plural**.

A outra abordagem histórica se dedica ao estudo de processos de divórcio entre imigrantes na São Paulo da Primeira República. Maria Cecília de Souza pretende com esta análise resgatar as tensões a que foram submetidas as famílias de imigrantes. O recurso ao divórcio, mais comum entre imigrantes do que entre brasileiros, pode ser interpretado como sugere a autora, como um mecanismo de fazer valer seus direitos de cidadãos e, portanto, se defenderem dos preconceitos. A análise dos autos de divórcio revela que a sobrevivência material, mais do que a ruptura do casal e o tema dominante e que a instabilidade do vínculo conjugal seria causada pelas incertezas da vida e pelo desenraizamento cultural próprio da situação de migrante. A partir dos depoimentos das testemunhas e dos envolvidos no processo de separação, a autora traça um interessante perfil das condições de vida desses imigrantes e, sobretudo, dos valores que informam a Justiça na avaliação dos autos. Responsabiliza o modelo de família patriarcal, cujas exigências normativas eram difíceis de serem cumpridas entre as classes sociais desfavorecidas. O divórcio e assim apresentado como uma alternativa às tensões causadas pelas dificuldades em exercer o papel socialmente atribuído aos homens. Constata confirmando observações de outros artigos da coletânea, a importância das redes de solidariedade formadas por parentes, vizinhos ou pessoas da mesma origem étnica, no sentido de controlar e dar suporte às famílias chefiadas por mulheres abandonadas pelos maridos.

Nadia Battella Gotlib finaliza a coletânea com um artigo que toma como matéria-prima três contos de Clarice Lispector reunidos em *Laços de Família*. A trama narrativa de Clarice sobre os desencontros e a solidão estrutural do casal serve de inspiração para um texto muito

bem construído que discute a natureza dos sentimentos que envolvem as relações inter-subjetivas no contexto familiar. Centrando a análise na figura feminina, no desempenho de seu papel de mãe, problematiza a alteridade intrínseca a cada personagem, onde o **eu** social se contrapõe e se complementa ao **outro** ilimitado, guiado pela liberdade do imaginário. Os laços de família, como amarras impossíveis de serem desatadas, chamam esse indivíduo, mulher, para a realidade das obrigações sociais definidas no seio das relações familiares. Um

conjunto de valores em oposição dialética do **eu** a **ela**, a **ordem** (doméstica) x a **desordem** (selvagem), o **dentro** x o **fora**, o **eu** x o **outro**, o familiar x o desconhecido, o controle das regras sociais x a liberdade da ausência de limites do imaginário. Conclui, enfatizando a dimensão existencial do romance de Clarice Lispector, que, elegendo as relações familiares como tema, acaba por desmistificá-las, sem contudo banalizar os mistérios intraduzíveis desses laços.

MARIA JOSE CARNEIRO ■

## Os corpos se fazem textos

### Corpo e Significado: ensaios de Antropologia Social

LEAL, Ondina Fachel (org.)

Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. 472p.

Organizada por núcleos temáticos dentro de uma abordagem geral de uma antropologia do corpo (saúde reprodutiva, representações de corpo, gênero, doença, ritos etc.), a coletânea reúne vinte e sete artigos que, embora referidos a diversos universos de pesquisa, têm referenciais teóricos bastante recorrentes. De fato, seus autores compõem um grupo de pesquisadores ligados de alguma maneira ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS) ou ao Núcleo de Pesquisas em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS) abrigado na mesma instituição através de um programa de pesquisas e de seminários que vem agregando professores e orientandos com interesses comuns. Fruto de uma convivência acadêmica que preza a interlocução entre colegas de diversas gerações e favorece a formação de um corpo de conhecimento regional, *Corpo e Significado* aborda, com sensibilidade, uma variedade de contextos etnográficos do sul brasileiro em que os corpos se fazem textos do nosso tempo.

Coordenadora do NUPACS, Ondina Fachel Leal organizou a coletânea e assinou três artigos: "Sangue, Fertilidade e Práticas

Conceptivas", valendo-se de dados de várias fontes (rurais e urbanas) e pesquisas que focalizam o entendimento sobre reprodução de pessoas que têm acesso a serviços médicos efetivos. *Ela analisa um dado recorrente: mulheres de classes populares entendem que o seu período fértil se sobrepõe ou está imediatamente vinculado ao período menstrual. Constatando ainda que o sangue menstrual e também representado como veículo e constituidor da criança, a fecundação é percebida como consumação de sangue e esperma, conquanto condições de temperatura e umidade do corpo estejam presentes, considerando-se ainda que esses fluidos obedecem a dinâmica de um corpo que se fecha e que se abre. A dinâmica dos fluidos masculinos e femininos e a forma do mundo íntimo e interior fisiológico estabelecer relações da ordem do íntimo - com o mundo de fora, o mundo social. Segundo Leal, esse repertório cultural conduz a um melhor entendimento, por um lado, da eficácia limitada do uso de alguns métodos contraceptivos e, por outro lado, explica, pelo menos em parte, uma demanda feminina por esterilização cirúrgica.*

Ondina Fachel Leal e co-autora nos dois artigos seguintes. O objetivo de "O Corpo como Dado" em co-autoria com Jandyra M.G. Fachel, que é estatística, e Mario Guimarães Jr., é expor a tentativa de combinar uma abordagem antropológica do objeto com o procedimento etnográfico de pesquisa e consequente material qualitativo com procedimentos estatísticos e ferramentas informatizadas que permitam a montagem de um banco de dados e o gerenciamento e cruzamento destes dados. A

técnica estatística proposta e a análise fatorial de correspondência que permite medir e visualizar de modo gráfico o grau de associação de um conjunto de variáveis qualitativas para uma determinada população. Eu conhecia a proposta metodológica mais ampla das autoras através de um *paper* apresentado na reunião da ANPOCS de 1994 "Antropologia do Corpo e Pesquisa sobre Sexualidade: dados qualitativos e tratamento estatístico: uma proposta metodológica" e devo confessar que apesar de entender o objetivo desse empreendimento e respeitar a seriedade do intento contínuo, *atitudes de seu alcance em desventurar o indesejável e gostaria de apreciar conclusões mais contundentes do que aquelas apresentadas neste texto. Será que um híbrido de survey com etnografia não pode ser apenas tão preciso quanto um survey tradicional com questionários bem estruturados e muito menos rico do que uma etnografia densa capaz de complementar qualquer survey na mesma área?*

Enfim em Pessoa, Aborto e Contracepção. Ondina Fachel Leal e Bernardo Lewgoy refletem teoricamente a respeito do modelo de pessoa acionado em grupos populares de Porto Alegre a partir da perspectiva da concepção e reprodução biológica do indivíduo e do ângulo das práticas sociais relacionadas a decisão de ter ou evitar filhos. Os autores utilizam a distinção entre a ontologia substancialista e a ontologia relacional holista tal como proposta por autores franceses a propósito da definição de embrião. Para a primeira ligada a tradição cristã há no embrião presença da pessoa humana enquanto que para a segunda, numa perspectiva kantiana de pessoa como ser dotado de razão, só há pessoa com um ser humano nascido vivo. A análise dos discursos dos seus informantes revela que são etnograficamente típicos os casos em que uma ontologia substancialista explicita povoa o que identifica mos como o **nível da regra** enquanto que no **nível da prática** subsequente do informante há um suporte implícito numa ontologia relacional. Recorrendo a distinção formulada por Bourdieu entre **regra e estratégia** os autores reconstróem as lógicas subjacentes a frases como *Fez tem que assumir e Assume se quando da Reconhecem o período em que a gestação talvez não seja senão uma possibilidade um atraso de regra como liminar* pois permite que se suprima apenas um projeto (corroborado pelos argumentos da defesa que encontrei em pesquisa recente sobre processos de aborto) o que não conflita com o

modelo de construção da pessoa vigente nas classes populares urbanas

Ceres G. Victora observa: *As Imagens do Corpo através das representações gráficas do aparelho reprodutor feminino e das reapropriações que fazem dos modelos médicos. Esses desenhos foram pedidos a gestantes de uma vila popular de Porto Alegre. A percepção do corpo e da gestação ocorre a partir de sensações construídas em relação a experiência prática ou seja, o sistema cognitivo e avaliativo do corpo organiza-se em função da experiência sensorial das mulheres sendo portanto singular. Identificam ainda o período fértil com a menstruação. Esta percepção personalizada do corpo humano carrega uma série de consequências no nível da utilização de métodos anticoncepcionais na medida em que as mulheres percebem que cada pessoa tem um corpo que funciona de maneira singular diferente do corpo da outra pessoa. Victora nota ainda que se há uma releitura do discurso médico evidente na colocação de um complexo utero-trompas abaixo do umbigo, muitas das imagens não incluem a presença do canal vaginal sugerindo que ele pode ser considerado como órgão externo ou que ele não tem relação direta com a reprodução ou ainda sua omissão explica-se pelo pudor.*

Em "A Semiologia do Corpo" Jaqueline Ferreira analisa parte de uma etnografia realizada numa vila popular de Porto Alegre, relativa a métodos de exame clínico. Utilizando a perspectiva de Goffman de drama social, ela observa consultas médicas nas suas diversas etapas, a entrevista, na qual o paciente traduz suas sensações para o médico e o exame clínico pelo qual o médico interpreta essas sensações. Dor e fraqueza são sintomas sempre presentes na fala dos pacientes, cujas metáforas passam a ser utilizadas pelos médicos mostrando que o saber médico é uma construção influenciada por concepções de senso comum.

Cristina Duarte Ribeiro discute detalhadamente o tema de "A Corporalidade nos Contos de Fada", particularmente como esta aparece nos motivos de redenção, quando personagens amaldiçoados conseguem recuperar sua forma original após submeter-se a provas diversas: purificação, absorção de flores, pancadas ou beijos. A autora segue esses motivos em uma sucessão de contos: *Os Sete Corvos*, *O Asno de Ouro*, *A Bela e a Fera*, *A Rã que era Filha do Czar* e outros, bem como em mitos e em processos de iniciação xamanística. Lançando mão da técnica de amplificação, Ribeiro de

monstra que um aspecto obscuro de um determinado mito pode ser esclarecido através do seu confronto com outra versão que contenha os mesmos motivos básicos, porém aborda do sob outro ângulo. Em todas as áreas onde se expressa o pensamento mágico religioso, encontramos a transformação em animal, o tema do banho etc. A pesquisa antropológica permite explorar essas inter-relações.

Jacqueline Britto Polvora descreve O Corpo Batuqueiro como uma expressão religiosa afro-brasileira, já que corpo e pessoa batuqueira são ritualmente construídos através de longas etapas de aprendizagem sob a orientação de um magisterio iniciático. Ao ser possuído pelo seu Orixá, o filho de santo tem seu corpo alterado em sua totalidade: expressão, gestos, assim como seus códigos sensoriais são modificados.

O Corpo nos Rituais do Batuque de José Carlos Gomes dos Anjos completa o trabalho anterior com uma etnografia muito cuidada dos rituais de **aprontamento no santo**, de iniciação no batuque que repetem os rituais de nascimento. Até se *aprontar*, o batuqueiro vai ao chão (fica deitado vários dias) várias vezes. Num único ritual são resumidos os três eventos elementares da vida de um indivíduo: como um ritual de passagem, no aprontamento o indivíduo morre para a sua existência anterior, vive a liminaridade como momento frágil e perigoso e renasce revigorado no fim do processo. Re-correndo a Auge, que vê entre o evento elementar (nascimento, doença ou morte) e o evento simbólico, uma relação metafórica recíproca foge-se da leitura funcional. O autor vê nesses rituais uma *esconjuração da natureza*, pela qual a cultura popular marca, desde este momento, a cultura como destino do corpo humano.

Escolhendo um dos aspectos da sua dissertação de mestrado, Adriane Luisa Rodolpho delinea os contrapontos entre Eros e Thanatos de O Corpo na Quimbanda. A concepção do corpo cristão e de um corpo como elemento a ser superado na busca do Bem abstrato, Corpo Thanatos, segundo a autora, corpo carcere do espírito, corpo martirizável, obstáculo ao verdadeiro desenvolvimento do espírito. Ao contrário nas religiões afro-brasileiras, o corpo e o locus central da atividade, nele a entidade **desce** ao seu bem-estar físico e fundamental. Corpo Eros expressa e atualiza um discurso mítico. Concepções opostas de corpo e também de pessoa.

Cornelia Eckert escolheu as minas de carvão e seus trabalhadores, corpos feitos de força de trabalho, e a história social do capital como campo de trabalho. Do Corpo Dilapidado a

Memória Re-encantada traz algumas das conclusões de pesquisas realizadas em duas regiões carboníferas no Rio Grande do Sul e em La Grand Combe no sul da França. As representações que os mineiros têm de sua atividade e de seus corpos, marcados por ela, reelaboram-nos como figura heroica e essencialmente masculina. A narrativa de Eckert acompanha os corpos deteriorados dia a dia por um trabalho de homem restaurados pela comida pronta em casa, graças a uma mulher de mineiro cujos nervos estão esmigalhados com o medo constante do acidente. Além da morte **na** mina, assistimos a morte **da** mina, a mecanização progressiva das minas, o fechamento dos primeiros poços nos anos 60 e dos últimos nos anos 80. Hoje em La Grand Combe os aposentados da mina reordenam o tempo como num esforço de garantir pela memória a continuidade do grupo. No Brasil, os desempregados da desativação temporária de Charqueadas sem a proteção do Estado de bem-estar hesitam entre a continuidade do trabalho na mina e novos empregos qualificados.

Com Performances Reprodução e Produção dos Corpos Masculinos, Denise Fagundes Jardim analisa as entrevistas que fez com homens que frequentam os *butecos* do bairro Cidade Baixa de Porto Alegre e compartilham da mesma maneira de ser um homem na vida. Pagar a sua própria bebida, não cair bêbado, nem ser carregado por outros, controlar o malandro no olho, são *performances* esperadas de um homem que não é malandro, nem vagabundo. Além dessas qualidades que descrevem o que vem a ser um homem entre eles, as marcas no corpo os *distinguem* das mulheres e singularizam entre pares. Assim, é necessário ser **ativo**, situação que torna o corpo e seus usos o foco central para a definição de um pertencimento (ou para excluir outros corpos) de uma comunidade de destino.

Edison Luis Gastaldo nos fala da corporalidade nos esportes de combate. Trata-se da Forja do Homem de Ferro entre praticantes de Full Contact (uma técnica corporal em última análise) numa academia da zona norte de Porto Alegre. Três aspectos a compõem a construção do corpo para a luta: o desprezo à dor e a aceitação irreflexa das regras da luta. A construção do corpo não é característica peculiar do Full Contact e a base da dança seja ela clássica ou contemporânea. O corpo é ferramenta básica. O desprezo da dor acompanha em algum grau todas as atividades físicas, do baile até o futebol. Enfim, a aceitação

das regras e comum a todas as artes marciais e jogos jogar e desde já aceitar as regras. Portanto esse Homem de Ferro poderia ser forjado em varias outras atividades corporais. Resta saber entretanto por que os frequentadores dessa academia são em geral provenientes das classes medias e superiores com escolaridade variando entre o grau secundario e o nivel superior incompleto? Qual e essa dor a que se deve resistir? (Pior do que dor de parto? Sera?) Onde esta a especificidade do uso do corpo nessa luta se cada academia pode desenvolver metodos de ensino que não são unanimemente aplicados?

"Corpo Metamorfoses e Identidades' contunde pelo estilo vapt vupt a concisão da narrativa reverbera a constante violência ligada a prostituição e/ou o sofrimento da carne travestida. Num instante de cinco paginas Suzana Helena Soares da Silva Lopes nos joga na cara os dois anos em que Alan a bichinha boy transformou se no travesti Elisa Star. As nuances da construção (desse corpo feminino) são incontaveis. Ha muito sofrimento para um corpo submetido aos quimicos os hormônios e as injeções (com agulhas para uso veterinario) de silicone e a seguir o desconforto de carregar um pedaço de cabo de vassoura atado ao peito com um barbante para que o silicone não passasse de um lado para o outro. Quarenta dias assim pertuba qualquer um. Mesmo assim quando Alan reaparece no GAPA descolorido corte chanel brincos de argola dourados calça jeans saio e mini blusa e com um sorriso de satisfação testemunha da coragem de levar esse sonho a zero.

É muito sugestivo o estudo que faz Adriane de Mello Boff da sociabilidade entre pessoas que frequentam o programa radiofônico *Adeus a Solidão O Afeto na Voz e no Corpo* e um relato vivo cuidadoso bem estruturado de todo o contexto em que a Radio Farrroupilha promove essa emissão ao vivo aos sabados a tarde proporcionando encontros entre pretendentes que vão se prolongando apos o programa nos arredores da emissora. Nestes os amores as vaidades e outros aspectos subjetivos que fazem parte do processo de sedução são aos poucos revelados. Basta estar atento ao idioma dos corpos olhares sorrisos *footing* partricular perfume suor e halito de cerveja investidas com poucos rodeios. Nas conversas atenção também e dada aos sinais corporais que indiquem doenca ou vicio os sinais de beleza de asseio etc. Os corpos literalmente trocam ideias. Essa sociabilidade que se

da em ambiente de festa na rua propõe a autora uma discussão da questão da oralidade como um modo de expressão privilegiado com respeito aos afetos das pessoas que frequentam o namoro no radio. A conversa amorosa esta na voz e não na letra. Além disso as pessoas que assistem ao programa a todo momento participam ouvem interferem e opinam sobre o que acontece ao seu redor. Dia logando com historiadores da vida privada Boff opõe a qualidade coletiva destes afetos a qualidade intimista de outros grupos sociais para então concluir que essa linguagem corporal oral e um estilo expressivo que não se restringe a uma deficiência intelectual obedece a uma estetica somatica barulhenta e que essa coreografia rumorosa e quente expressa relações afetivas mergulhadas numa interação social continuamente efervescente. Sabedora de que não e possível conceber forma e conteúdo separadamente Boff traz literalmente na sua voz o afeto pela etnografia.

O gênero e a categoria escolhida por Maria de Nazareth Agra Hassen que faz *Da Visita Intima na Prisão* o contexto de uma corporalidade negociada. Atraves das historias de vida de Marina Beatriz Luisa e Ligia a autora pretende demonstrar que se o corpo e produto da construção cultural ele também pode auxiliar a produzir determinações culturais e neste caso o corpo e veiculo de transferência de papeis sociais. O que a interessa não e especificamente o efeito do aprisionamento sobre o corpo dos presos mas sobre a vida e a sexualidade de suas companheiras. De fato com a imposição de manter o lar e os filhos elas vivem a independência do marido. Essas mulheres tomam iniciativas em geral e dentro disso no sexo também como diz Marina e passam a exigir o maximo de consideração segundo Ligia. Até ai concordo a sexualidade e comportamento e como tal reverbera a autonomia do sujeito. Estão ai as mudanças na instituição do casamento a indicar que mulheres que trabalham como profissionais ganham o seu dinheiro e gozam de alguma autonomia real tendem a ter uma sexualidade mais livre o que tem efeito direto sobre a qualidade da relação sexual ocorra ela dentro de uma situação de casamento tradicional ou não. So que essas relações sexuais comuns se dão com homens que se assumem ainda como socialmente provedores (na tradicional concepção de casamento) e como mais valorizados socialmente (na nossa ordem de gênero). No caso da prisão a tradicional relação inverteu se o ma

rido (ex maisvalorizado ex provedor) esta cumprindo pena discriminado culpado e ela a esposa/companheira embora num papel social errado de provedora em vez de mantida (como seria na tradicional relação de casamento) esta no papel moral positivo da inocente. Não ha mudança e sim inversão. Acredito como a autora que as mudanças para serem duraveis devem operar se não na alma certamente nas formas cotidianas de organizarmos as nossas vidas. Entretanto quando afirma que a situação de aprisionamento do companheiro produziu mais efeitos junto as entrevistas do que os movimentos de mulheres na alteração deste papel eu recomendaria antes de mandar prendê los todos (!) reconsiderar o uso da categoria gênero na sua análise.

Liliane Stanisçuaski Guterres observou praticas corporais de integrantes da Escola de Samba Imperadores do Samba de Porto Alegre durante os ensaios e o proprio desfile. Sua etnografia da sociabilidade carnavalesca destaca o corpo carnavalesco como um forte simbolo capaz de estabelecer comunicação e que não tem pudor ou vergonha velho ou jovem ele in forma comunica um modo de ser carnavalesco.

João Aníbal dos Santos elaborou 'Corpo e Sexualidade Atraves da TV em uma Comunidade Tradicional' a partir de sua dissertação de mestrado sobre os efeitos da televisão numa comunidade de descendentes de imigrantes alemães no interior do Rio Grande do Sul. Definindo a cultura local como ethos alemão o autor conclui que a reação as imagens televisivas de nudez reflete uma tensão entre a presença da religiosidade catolica e do ethos alemão e os valores moderno individualistas. Fica nos devendo algo mais sobre essa tensão. Criadora? Destrutiva? Agrega eventualmente as mulheres ou os homens entre si? Sera que essa tensão e apenas devida ao ethos alemão? A nudez masculina tambem provoca tensão?

Maria Clara Mocellin que estudou as memorias de colonos italianos no sul do Brasil acerca de suas origens familiares para uma dissertação de mestrado reflete aqui sobre corpo e identidade regional. Segundo ela a condição do colono esta inscrita no seu proprio corpo de agricultor o que lhe permite explorá lo como expressão de um *habitus* nos termos de Bourdieu. O Corpo em Evidência marcado tambem pelo gênero atravessa os tempos e continua como imagem marca de distinção social que habita as memorias.

Em *Corpo e Loucura na Porto Alegre do Final do Seculo XIX* Alexandre Schiavoni anali-

sa Relatorios da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia (principalmente do ano de 1884) e os Prontuarios Psiquiatricos do Hospital São Pedro em Porto Alegre. Com sabor e precisão o autor reconstitui o processo de institucionalização da psiquiatria no Rio Grande do Sul mostrando como se passa no inicio da Republica de um *livre pensar do medico para um sistema em que o controle exercido pelo Estado e quem cerceia e enclausura e não o proprio medico* e em que a psiquiatria buscou reforçar seus mecanismos de atrelação ao projeto da elite. Atraves dos prontuarios emergem pacientes dotados de temperamentos e de uma constituição oferecidos a nossa curiosidade em quanto Schiavoni prossegue na pesquisa.

Maria Cristina Garcia Vasconcellos Paulo Belmonte Abreu e outros estudam a leitura de sintomas de esquizofrenia para refletir A Proposito de Modelos Culturais Explanatorios de Doença Mental. Utilizando se da diferenciação basica feita por Kleinman entre enfermidade e doença para construir modelos explanatorios os autores pesquisaram percepções de 20 familiares e 15 pacientes internados com diagnostico de esquizofrenia em unidades psiquiatricas em Porto Alegre. Neste teste piloto aplicaram questionarios cujas respostas permitem identificar dois modelos explanatorios o medico e o laico. O primeiro demanda uma comprovação da doença e o segundo uma explicação um sentido para uma desordem repentina. A explicação da doença e majoritariamente de ordem social e a consequência e que surgem expectativas particularmente no que diz respeito ao retorno ao trabalho quando isto não e prioridade nem indicador de sucesso terapêutico para os agentes de saúde.

Zulmira Newlands Borges comparece com 'A Construção Social da Doença' um estudo das representações sobre o transplante renal. Ela acompanhou por seis meses pacientes portadores de insuficiência renal crônica nas salas de hemodialise. São doentes que esperam o transplante de orgãos de parentes vivos. Situação particular não apenas pela presença constante da morte como pela confrontação com o *ser estar* ou *não ser* doente a hemodialise e um espaço liminar do qual se sai para a vida com a dádiva do rim que por sua vez recria uma nova dinâmica familiar.

Daniela Riva Knauth vem trabalhando ha varios anos sobre doença e cura em classes populares em Porto Alegre. Em seu artigo ela descreve a percepção da Aids entre mulheres soropositivas de baixa renda como um proble-

ma da família. A suspensão do trabalho da atividade remunerada bem como do trabalho doméstico concebido comumente como fonte potencial de doenças, as afasta do convívio social e aciona a rede de relações familiares. De outra parte, a concepção comum de doença (repentina inesperada) incompatível com a ideia abstrata de um vírus agindo aos poucos, dificulta a profilaxia. A invisibilidade do vírus e também a invisibilidade da doença, um problema que passa a ser vivido como problema da família.

Fernando Seffner em *Aids Estigma e Corpo* nos fala sobre indivíduos soropositivos e a relação que mantêm com o seu corpo. A situação de morte física anunciada e também uma situação de quase morte civil com a redução dos direitos civis consequente da discriminação. Se a constante presença da morte acompanha a etnografia, requerendo do pesquisador especial sensibilidade e resistência, a pandemia da Aids, fruto da discriminação e do estigma, requer por sua vez uma teorização que ultrapasse as reflexões de Sontag e as categorias de Goffman. Ela será certamente encontrada na diversidade das abordagens e através da multiplicação de pesquisas como estas.

Com *O Retrato de Si*, Maria Leticia Mazzuchi Ferreira relata um dos usos possíveis da fotografia em Antropologia, quando frente a sua própria imagem fotografada, as informantes invariavelmente remetem-se ao passado, a outras idades da vida, revelando um conjunto de imagens representações inscritas num código simbolicamente dimensionado. A rica e viva transcrição do material etnográfico indica o uso certeiro de tal metodologia e revela uma fina observadora. Entretanto, a preocupação com a informação teórica e a ignorância de categorias úteis de análise comuns aos iniciantes, impedem maior exploração simples e direta das entrevistas. Por exemplo, tanto a análise das diferenças entre os discursos de Catarina e Elvira sobre uma mesma velhice (estado único somente para o senso comum), quanto o uso da categoria gênero na análise do discurso de Hilda, querendo ser retratada juntamente com as fotografias do pai e do marido, revelariam diferenças na própria relação que têm com o mundo e trariam provavelmente uma outra dimensão ao retrato que essas mulheres fazem de si.

Luz Eduardo de Robison Achutti, em *Imagem e Fotografia*, aprendendo a olhar, inicia uma louvável reflexão sobre o olhar ocidental contemporâneo que acompanha a evolução de recursos técnicos desde a fotografia até a

multimídia. Surpreende, porém, a timidez na escolha do seu referencial teórico, pois na era da construção social da virtualidade, em que experimentamos um olhar atônito sobre as vastões do tempo e do espaço, de que nos valem esquemas classificatórios de olhares? A não ser que o autor queira fazer uma História do Olhar Brasileiro, o que aparentemente não propõe.

Em *'Natureza, Corpo e Saúde'*, Maria Cristina Gonçalves Giacomazi, numa síntese da sua tese de mestrado, enumera práticas e concepções sobre o mundo natural presentes entre os grupos que se mobilizam por saúde: mulheres atuando em Clubes de Mães e nas CEBs, numa vila da periferia de Porto Alegre.

O que é Afinal o Corpo Índio no Brasil Meridional? pergunta José Otávio Catafesto de Souza. Trabalhando com populações de descendência indígena no Sul do Brasil, falantes das línguas Guaraní e Kaingang, consciente da dificuldade de dissociar nos relatos atuais o peso das influências exógenas, pretende entender como o corpo aparece representado nas configurações ideológicas veiculadas por essas populações, sua relação com a pessoa e com as forças espíritos e almas que povoam este e os outros mundos acessíveis a experiência. No seu artigo, prelúdio da futura pesquisa, o autor procura estabelecer teoricamente a sua hipótese, discutindo as explicações oferecidas em textos etnográficos sobre essas populações, bem como esquemas explicativos da construção da pessoa no Ocidente moderno que, ao seu ver, não põem em perspectiva a nossa própria racionalidade.

Tema tão propício para a reflexão por ser a condição do homem (o que é viver, senão reduzir constantemente o mundo a ele?) o corpo, objeto da análise antropológica, não é, mais hoje apenas o corpo, desempenho atuante graças a aprendizagem, segundo Mauss<sup>1</sup>, de técnicas tradicionais e eficazes, atos de ordem mecânica, física ou físico-química, sujeitos por sua vez, a qualidade das possibilidades psíquicas de tal ou qual raça e de tal ou qual biologia de tal ou qual povo. Ao mesmo tempo, sujeito e objeto, maneira pela qual nos instalamos no mundo, ganhando e doando significação o visível que se vê, o eu irremediavelmente preso ao outro<sup>2</sup>, o corpo está sempre propondo algum enigma. Embora falemos

<sup>1</sup> MAUSS, M. Les Techniques du Corps. In *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 1966, p. 365-389.

<sup>2</sup> MERLEAU-PONTY, M. *L'Œil et l'Esprit*. Paris: Gallimard (Folio/Essais/13), 1992, p. 19-20. *Textos Selecionados*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

cada vez mais em liberação do corpo estamos o tempo todo tentando interferir nele ultrapassar os seus limites transforma-lo para oferecer ao outro essa imagem que cada um projeta de si. Com isto estamos nos propondo novos objetos de pesquisa

Muito bem vinda portanto essa coletânea que nos traz o resultado de um trabalho de

equipe assim como uma maior familiaridade com algumas maneiras de ser das populações das vilas populares de Porto Alegre e de outras partes do Rio Grande do Sul

DANIELLE ARDAILLON ■

## A sacralidade da vida humana

### **CORPO** meu bem, meu mal III Seminário de Teologia e Direitos Reprodutivos Ética e Poder

CARNEIRO Fernanda e OLIVEIRA, Rosângela Soares de

Rio de Janeiro Programa Sofia Mulher Teologia e Cidadania ISER 1995 159 p

Desde que a humanidade reflete sobre si mesma o sentir seu corpo como lugar de prazer vida e fecundidade mas ao mesmo tempo como interdito e espaço onde o mal pode tornar-se realidade e inspirador das mais diversas formas de pensamento e de discurso

Numa humanidade onde o homem de tem o poder do pensamento e da palavra no entanto esse tipo de reflexão e discurso geralmente eram assinados por pensadores masculinos Tratava-se portanto do corpo da outra e não do próprio corpo o controvertido e ambíguo espaço do deleite e do pecado da virtude e da transgressão que tantos nos de tinta fez correr das mãos de filósofos teólogos e pensadores sociais os mais diversos

É mais que tempo portanto da mulher mesma pensar e falar sobre seu próprio corpo organizando e dando forma a um discurso até então inscrito apenas em sua carne desejante vulnerável aberta maternal A corporeidade da mulher pensada discutida refletida e expressa por ela mesma eis o tema do livro que o Programa Sofia mulher teologia e cidadania do ISER acaba de nos fazer chegar as mãos

Trata-se de uma reflexão interdisciplinar Uma conversa onde entram e encontram espa

ço aberto mulheres das mais diversas áreas do saber economia literatura antropologia sociologia bioética engenharia genética psicologia filosofia teologia Assim com este leque variado e plural de corpos mentes e corações aconteceu o III Seminário de Teologia e Direitos Reprodutivos organizado pelo Programa Sofia e cujos textos ali apresentados deram origem a este livro que ora recenseamos

O rosto e a forma do livro já nos impactam favoravelmente por sua diferença e beleza Nada das diagramações sisudas e já esperadas dos livros tradicionais Mas um formato que horizontal lembra um corpo em repouso e o texto disposto em colunas ou em concreta e livre poesia estimula o pensar e o sentir As ilustrações que pontuam o texto aqui e ali assim como os diferentes corpos de letras por onde o texto espalha sua configuração também dão testemunho da proveniência de suas autoras dessas praias outras e diferentes da condição de ser mulher

A filósofa Rachel Gutierrez entrevistada e editada por Fernanda Carneiro inaugura o livro com algumas instigantes reflexões sobre ética e sexualidade Trazendo uma fala não confessional e portanto sem qualquer pretensão de estatuto teológico Rachel arrisca-se pelos caminhos de temas de moral sexual tão polêmicos como a homossexualidade feminina a marca da cultura sobre a colocação da mulher em plano inferior a nudez feminina reduzida pelo masculino a instrumento de uma relação despersonalizada Finalmente Rachel vai concluindo sua reflexão com um belo trecho sobre a cumplicidade mulher e natureza desembocando numa série de indagações derivadas do tema que questiona a denominação do feminismo e sua nomeação enquanto feminismo da igualdade ou da diferença O desafio por uma ética feminista e o que fica ao

final de todo esse percurso de Rachel que nos convida a participar e caminhar em comunhão

Uma psicóloga (Tereza Creuza de Goes Monteiro) uma escritora (Rose Marie Muraro) e uma antropóloga (Ligia Dabul) nos dão a mão em seguida para fazer nos andar "pelos caminhos da culpa". Se o corpo e bem e mal a culpa não pode estar ausente quando dele se trata. Ainda mais se a Teologia que lida explicitamente com as questões de bem e mal pecado e graça culpa e salvação está no epicentro do diálogo que a Psicanálise a Antropologia e a Literatura desejam construir.

Parece ser a partir do que nos deixam entrever os três textos que se o ser humano muitas vezes não consegue lidar com a culpa de modo sadio e integrador, isso é ainda mais verdade quando se trata da mulher portadora que e de culpas não apenas próprias mas também das que lhe são impostas por uma sociedade controlada pelo poder masculino. Diante disso e preciso criatividade e imaginação muito mais poderosas que o saber (p. 39) e a mulher tem diante de si grandes possibilidades de realizar isto. A poesia de Ligia Dabul (p. 54) enfeixa graciosamente as reflexões profundas e densas de Teresa e Rose sobre esse sentimento ao mesmo tempo paralisante e potenciador que é a culpa.

A seção seguinte do livro intitula-se Reflexões Teológicas e Filosóficas e vai versar sobre a questão da reprodução suas dificuldades e ambiguidades suas glórias e misérias. Conduzidas por filosofas que não se auto compreendem como tais (CARNEIRO p. 57) sociólogas e outras cientistas sociais que olham e analisam realidades duras e sofridas do cotidiano de certos grupos de mulheres (notadamente mulheres dos meios populares comunidades de base boias frias negras e indígenas) pastoras que são também antropólogas teólogas que são também pastoras antropólogas que são também poetas as questões da gravidez da fertilidade da fecundidade do controle da natalidade transam por estas páginas trazendo o experiencial entrelaçado com o teórico e dele inseparável. As mulheres pobres ou profissionais têm em comum seu corpo seu bem e seu mal. Protagonistas ou porta vozes de outras seu falar diferente e diferencial do tem em comum essa corporeidade aberta espaço de produção da vida vulnerabilidade maior terreno de potencialidades e de direitos.

A questão do aborto talvez seja a mais debatida por todas porque mais assustadora. E todas as abordagens deixam a nu a dor profun-

da que trazem consigo este tema e esta questão. Mas em todas falta parece-me inclusive nas de teologia explícita de H. Jarschel e I. Gebara o elemento crucial que aparece ao se falar de direitos reprodutivos e aborto enquanto decisão livre da mulher o outro. Na verdade o aborto e questão tão espinhosa e mobilizadora porque há mais de um direito em questão o da mulher e da mãe certamente. Mas também o do feto outro silêncio e silenciado cuja epifania teima em acontecer e cuja voz só é ouvida mediante uma atitude de muita abertura e fina sintonia.

As denúncias do texto de I. Gebara contra uma sociedade em si mesma abortiva despertam nossos sentidos e nos ajudam a des cobrir nos ainda capazes de indignação ética. Também seus apelos em favor de uma solidariedade de amor e defesa da vida enriquecem o livro de maneira significativa (p. 137-143). De uma certa forma entrelaçam-se de maneira fecunda com as reflexões de H. Jarschel sobre o relato do capítulo 3 do livro do Gênesis sobre o pecado original e uma ética cujo peso maior recai sobre a corporeidade feminina gerando uma sociedade cuja ética (ou falta de ética) pressiona as mulheres em direção às decisões na verdade agressoras a sua corporeidade e liberdade (p. 78-95).

Colocando a questão dos direitos reprodutivos em chave mais abrangente (como procura fazer I. Gebara através do título mesmo de seu texto *Uma Luta Maior*) as mulheres que pensam falam e sofrem neste livro e através dele parecem encontrar um caminho mais promissor do que numa luta restrita somente e apenas a algumas bandeiras muito individuais que não têm condições de dar conta de toda a complexidade dos problemas que a corporeidade humana e no caso a feminina trazem à baila.

O apêndice *Para Não Esquecer* de Alejandra Rotania que encerra o livro vem de outros arraiais. Nele percebemos a emergência da bioética onde o binômio vida (bios) e ética (ethos) vem encontrando cidadania sempre mais protagonista na sociedade e na academia. Navegando no pensamento de Hans Jonas Alejandra questiona a tecnologia moderna no sentido de seus deveres e limites de intervenção quando entra em jogo o imperativo ético da existência de uma humanidade que não pode estar a mercê de experimentos enlouquecidos com a vida humana em laboratórios.

Parece nos que o texto de Alejandra no fundo e no final recoloca de maneira contundente a questão que e deve ser a principal

quando se trata da corporeidade humana seja ela feminina ou masculina. No caso deste livro, o corpo da mulher enquanto seu bem e seu mal deixa ecoar como um grito: esta questão é a questão da sacralidade da vida humana.

O significado e o porquê desta sacralidade parece nos dever ser ainda objeto de outro e de muitos outros seminários como o que deu origem a esse livro. Veus apenas levantados

pelos reflexões aqui contidas merecem ser mais e melhor explorados em outras e novas ocasiões onde a experiência e as ciências, o pensar e a fe deverão novamente escutar-se respeitosamente e interagir fecundantemente para que todos tenham vida e a tenham em abundância. (Jo 10 10)

MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER ■

## De sexo e fogueiras

### Chacina de Feiticeiras - uma revisão histórica da caça às bruxas na Europa

BARSTOW Anne Llewellyn (tradução de Ismênia Tupy)

Rio de Janeiro: Jose Olympio Editora, 1995

O trabalho de Anne Llewellyn Barstow é dedicado a todas as mulheres que não sobreviveram. Dedicatória que é também tributo uma vez que se reconheça que, para além do mundo ocidental, para além da temporalidade estudada, no caso os séculos XVI e XVII na Europa, a matança de mulheres continua nas mais distintas culturas, sob os mais diversos e sutis aspectos. No entanto, seu trabalho não cai nas armadilhas do eterno e portanto natural feminino. Pelo contrário, é uma síntese densa sobre as várias facetas da violência.

Com um olhar onde passado e presente se entrelaçam e se iluminam, sua pesquisa inicia-se não com a descoberta de novas fontes, mas com a identificação de um problema nos estudos sobre feitiçaria. Segundo a autora, tais estudos, apesar de apontarem numericamente para os casos de mulheres vitimadas, raramente enxergam o sexo como a matéria prima da qual a misoginia é constituída. Ignoram tanto o alto nível de violência física praticado para além dos limites judiciais quanto a natureza sexual dessa violência.

Assim, os parâmetros de seu estudo partem de silêncios que vão ganhando voz a me-

didada que novas perguntas e categorias de análise são lançadas. Por que, onde e quando aconteceram as perseguições às feiticeiras e por que a sociedade europeia voltou-se contra certos grupos de suas próprias mulheres, são questões respondidas pela introdução do sexo das vítimas como uma categoria de análise histórica, acompanhada de outras categorias necessárias e pouco trabalhadas, como a formação do patriarcado, os efeitos que as execuções públicas por feitiçaria engendraram na sociedade europeia e, finalmente, a distinção entre papel sexual produtivo e reprodutivo das mulheres.

Através da análise da violência na formação da sociedade patriarcal europeia, a pesquisa expõe a vulnerabilidade do corpo feminino, o terror sexual e a brutalidade a que foram submetidos durante a chacina das feiticeiras. Para Anne Barstow, saber quais mulheres foram acusadas e sob quais circunstâncias revela muito sobre o status das mulheres no começo da Europa moderna.

Apesar de examinar a documentação da feitiçaria sob o prisma de uma perseguição relacionada ao sexo das pessoas, a autora não considera o sexo como um fator de explicação para a chacina das feiticeiras, maior do que os legais, religiosos, políticos ou de função econômica e social. Assim, aceitando e ampliando hipóteses, seu trabalho nos fornece, para além do poder de vida e morte dos homens sobre suas mulheres, ambiguidades e sutilezas da própria representação demoníaca da mulher no início dos tempos modernos.

A estrutura da caça às feiticeiras e revela da a partir do confronto da tensão e dos des-encontros entre antigas tradições comunitárias medievais e a introdução desequilibradora de novos poderes e costumes legais associados a

formação dos Estados modernos Em suas comunidades tradicionais as mulheres eram as senhoras das forças vitais lidavam com os aspectos mágicos tanto negativos quanto positivos em seus papéis de curandeiras e parteiras Contudo a crença na magia por si só não poderia explicar as perseguições contra as mulheres

Segundo o livro a caça só aconteceu quando a crença na magia maligna foi associada ao demônio Assim a crença na malignidade da magia veio com a introdução nas comunidades medievais de novas estruturas de poder que identificavam os antigos costumes principalmente os relacionados aos papéis das mulheres como um ataque do demônio ao mundo cristão através de suas servas as feiticeiras Por outro lado a autora identifica como um solo fértil para as acusações de feitiçaria a introdução de valores estranhos aos tradicionais ajustes comunitários a partir da transformação de uma justiça retributiva pessoal e comunitária cujo principal objetivo era a restauração da paz comunal em uma justiça punitiva impessoal e distante cujo objetivo era purificar o Estado Segundo a autora governos ducais e reais da Europa estavam tornando-se centralizados e poderosos capazes de controlar os aspectos mais íntimos da vida das pessoas através de seus tribunais seculares que se apoderavam de processos criminais antes resolvidos em instâncias mais privadas da Igreja ou da vizinhança

Assim a partir da intensidade e da qualidade da crença na magia demoníaca e as diferentes condições legais Anne Barstow aponta para os motivos que poderiam desencadear a caça às feiticeiras no mundo europeu Tais motivos calamidades pessoais desastres naturais ou desejo de vingança teriam como pano de fundo os tempos difíceis dos séculos XVI e XVII permeados por convulsões políticas religiosas e econômicas

Para Anne Barstow o novo sistema de controle social associado a crença demoníaca implicava a instauração de processos sobre questões sexuais e religiosas que acabaram introduzindo a plena maturidade legal das mulheres como feiticeiras o que significava não apenas sua vulnerabilidade como também a misoginia da sociedade europeia Embora a Igreja deva ser responsabilizada pelo desenvolvimento das teorias demoníacas os tribunais seculares foram os mais sanguinários ao adotarem os modelos inquisitoriais para purificar os costumes

Um exame dos modelos de caça às bru-

xas em toda a Europa esclarecera para a autora não apenas as estruturas legais políticas e religiosas contrastantes mas também as diferentes atitudes em relação às mulheres nas mais diversas regiões Assim sua pesquisa ora aproxima ora afasta diversos fatores que explicariam as especificidades regionais dos modelos de caça às feiticeiras

Seu texto como um caleidoscópio começa percorrendo a Alemanha e as terras católicas influenciadas pelos costumes germânicos (ducado de Lorena Franco Condado Luxemburgo Polônia e Suíça) onde houve a maior e a mais violenta chacina de feiticeiras aproximadamente 24 600 mulheres

Examina então além dos problemas econômicos regionais a existência de uma tradição de perseguição contra os judeus e hereges na Alemanha ressaltando a necessidade alemã de utilização de um grupo marginal como bode expiatório Apresenta também todo um imaginário construído em torno dos judeus cujos afastamentos e aproximações com relação às mulheres são surpreendentes

Nas terras francesas Anne Barstow encontra a segunda mais intensa concentração de julgamentos por feitiçaria No entanto onde o controle real era firme o pênico foi mantido sob controle cabendo às regiões mais longínquas a caça sem restrições Na França apesar da existência de uma forte misoginia representada pelo controle da sexualidade havia também um certo ceticismo com relação a crença no demônio por parte de juizes Assim a perseguição foi motivada por uma prolongada ruptura nos antigos quadros comunitários guerras e miséria mais do que por uma crença demoníaca Quando a diferença entre ricos e pobres cresceu as tensões sociais aumentaram e foram resolvidas pelas famílias mais poderosas por meio de acusações de feitiçaria contra os indigentes

A pesquisa percorre as Ilhas Britânicas mostrando que na Inglaterra a ausência da lei romana a inexistência dos tribunais inquisitoriais e a fraca crença demonológica explicam os poucos casos de perseguição mas não significam ausência de misoginia Já na Escócia uma disputa entre a Igreja e o Estado em torno de quem poderia ser mais divino causou a ferocidade dos julgamentos e das perseguições A Irlanda apesar de ter sido cenário de um dos primeiros julgamentos de feiticeiras recebeu pouca atenção dos estudiosos de feitiçaria Mesmo assim Anne Barstow analisa um dos julgamentos

Na Nova Inglaterra são apontados o cru-

zamento entre controle religioso e econômico no estabelecimento de uma sociedade excepcionalmente patriarcal e a influência das crenças de diabolismo do continente europeu como responsáveis pela ferocidade de alguns pregadores e juizes puritanos

Quanto a Rússia Anne Barstow estabelece um interessante dialogo com os estudos já realizados encaminhando novas possibilidades de análise para o problema da caça as feitiçeras vale ressaltar a ausência da obsessão demonologica entre os padres ortodoxos e a fraca interferência do governo dos czares na vida sexual das comunidades

Nos países escandinavos a autora encontra além da forte presença da feitiçaria masculina a impossibilidade das crenças demonologicas dos juizes e teólogos penetrarem na antiga tradição europeia sobre a magia Contudo sempre que as crenças sobre o diabo eram disseminadas através de símbolos do proprio fundo cultural tradicional o numero de mulheres acusadas aumentava

Na Hungria incluindo a Transilvânia Anne Barstow identifica mais de 1 600 julgamentos com mais de 800 mortes Ressalta a riqueza da documentação com sua quantidade de informações sobre magia arcaica e expõe o problema de luta pela autonomia nacional acrescenta dados estatísticos que colocam a Hungria como um laboratorio de preconceitos contra as mulheres No entanto não aceita como explicação apenas o fato de as mulheres terem obtido tanto poder como misticas e santas que os homens em defesa propria a tornaram diabolicas

A pesquisa identifica os Países Baixos como uma anomalia entre as terras europeias do norte tiveram uma perseguição moderada a feitiçaria apesar de estarem sob o controle de uma legislação que incentivava a chacina de feitiçeras Assim a autora levanta a questão de quanta influência deve ser atribuída a fatores legais e políticos

Finalmente nas terras da Itália e da Espanha Anne Barstow relaciona a presença da Inquisição e sua duvida com relação ao poder do diabo com uma certa indulgência para com os praticantes da magia Convencida de que essas crenças originavam se da ignorância a Igreja queria corrigir e não destruir os praticantes A presença de outros bodes expiatorios e o acolhimento das mulheres como fundamentais em seus grupos explicaram a

ausência de um assassinato em massa de mulheres na Espanha

Sem duvida o exame da caça as feitiçeras nessas regiões e os levantamentos estatísticos apresentados revelam a misoginia europeia e o fato de que as mulheres eram suficientemente poderosas para serem temidas Contudo não explicam o que as mulheres estavam fazendo realmente e onde jazia seu poder Assim a autora tenta completar essa questão analisando a marginalização econômica feminina Não encontrando nas causas econômicas um fator comum que explique a caça as feitiçeras Anne Barstow faz uma análise minuciosa da transformação das curandeiras em feitiçeras

O trabalho de pesquisa expõe as diversas ações e representações sobre o corpo feminino no salientando a violência e o sadismo nas bases de afirmação da sociedade patriarcal europeia Examina também as transformações que os novos poderes e as novas crenças causaram nos costumes sexuais tradicionais no sentido de sua demonização e criminalização

Finalizando o livro Anne Barstow analisa brilhantemente o papel e a eficácia da queima pública das feitiçeras no imaginário europeu fazendo um paralelo com o caráter expiatorio de antigos sacrifícios onde a carne oferecida era sagrada Conforme a autora a sociedade europeia ao contrario nunca investiu a carne das feitiçeras de nenhum poder de salvação nem as suas cinzas depois de terem sido purificadas pelas chamas Por essa razão não era um ritual com o poder de expiação mas sim um ritual de vingança Uma vingança que tem marcado varias perseguições ate hoje Por outro lado o livro afirma que as execuções públicas são responsáveis pela passividade e submissão que simbolizou as mulheres ate a metade do século XIX

O merito indiscutível do livro esta nesse panorama que inclui regiões distantes e pouco estudadas por nossa tradição intelectual e no seu esforço em desvendar as sutilezas de uma dominação sem recorrer a um ponto arqui mediano de análise Com esta perspectiva o problema da caça as feitiçeras ganha movimento e sutilezas que certamente ficariam encobertas se a autora optasse pelo estudo de uma so região ou se perseguisse fatores explicativos rigidos

FLAVIA MARIA SCHLEE EYLER ■

# A visão de mundo de uma mulher

## D Maria José, Retrato de uma Cidadã Brasileira

CALLADO Ana Arruda e LEITÃO Denilde

Rio de Janeiro Relume Dumara 1995

O livro de Dona Maria Jose Barbosa Lima relata as memórias de uma mulher da elite paulista nascida em 1906 e casada com o proeminente brasileiro Alexandre Barbosa Lima Sobrinho. Narrando suas experiências e de sua família, a depoente confere atenção especial a sua atuação para o desenvolvimento da assistência social no país. A obra é resultado de entrevistas gravadas pelas jornalistas Ana Arruda Callado e Denilde Leitão em sucessivos encontros ao longo de um período de mais de dois anos.

Desde sua juventude fica evidenciada a combatividade e a capacidade de liderança de D. Maria Jose junto as amigas através da criação da Associação Desportiva Feminina grupo liderado por D. Maria Jose que agregava jovens da sociedade paulista para o desenvolvimento de atividades de lazer, mas que também propunha algumas iniciativas para ajudar as crianças pobres. Para esta fase o relato de D. Maria Jose é rico sobre sua vida familiar, as formas de divertimento de uma jovem de sua classe social e seu namoro e casamento com o Dr. Barbosa Lima.

Outro momento relatado e ponto alto do livro é a sua chegada em 1948 e permanência em Recife na condição de primeira dama do Estado, já que seu marido fora eleito governador de Pernambuco.

Durante esses anos D. Maria Jose dedicou-se a organizar uma obra social voltada para dar assistência às crianças e suas mães. O primeiro passo foi sensibilizar as senhoras da sociedade local para a desesperadora situação de miséria da infância de Pernambuco e em especial dos bairros pobres de Recife. A desnutrição e a falta de assistência médica que acarretavam uma altíssima taxa de mortalidade era o grande desafio a ser enfrentado.

D. Maria Jose, com coragem e dinamismo, criou a Campanha Pernambucana Pro Infância. Seu depoimento fornece informações minuciosas sobre a organização da entidade

através da criação de parques infantis. O objetivo era desenvolver atividades em favor das crianças carentes e da maternidade infantil, garantindo-lhes aulas, atendimento médico e alimentar e creche.

O livro apresenta ainda os relatos de Dona Maria Jose acerca de sua vida familiar, as relações com filhos, netos e demais parentes e sua atuação como administradora dos negócios da família.

Ao me deparar com uma obra como esta na condição de historiadora, coloco a seguinte questão: que importância as memórias familiares podem ter para o historiador e quais as possibilidades de sua utilização como fonte histórica? O uso de memórias, relatos pessoais ou autobiográficos como fonte de investigação científica tem provocado grandes debates metodológicos no campo das ciências sociais e são inúmeros os problemas e limitações levantados. Especialmente ao longo dos anos 60 e 70, predominou na historiografia a tendência a valorização do estudo das estruturas dos processos de longa duração e a desvalorização do fato histórico singular. Nesse movimento, o uso das fontes seriais e das técnicas de quantificação assumiu uma importância fundamental em quanto a análise do indivíduo, os estudos de conjunturas de aspectos culturais e políticos foram relegados a um plano secundário. O emprego dos relatos pessoais das histórias de vida, das biografias, passou a ser visto, consequentemente, como extremamente problemático. Condenava-se sua subjetividade, duvidava-se das visões distorcidas apresentadas, enfatizava-se a dificuldade de se obter relatos fidedignos. Alegava-se também que os depoimentos pessoais não podiam ser considerados representativos de uma época ou um grupo. A experiência individual era uma visão particular e não permitia generalizações.

A virada dos anos 70 e os anos 80 trouxeram entretanto transformações expressivas nos diferentes campos da pesquisa histórica, revalorizando a análise qualitativa, resgatando a importância das experiências individuais, promovendo um renascimento do estudo do campo político e dando impulso a história cultural que tem como figuras exemplares historiadores como Darton, Ginzburg, Maurice Agullon, entre outros.

Dentro desta nova postura, os depoimen-

tos os relatos pessoais e a biografia também foram revalorizados e muitos dos seus defeitos foram relativizados. Argumentou-se em defesa da abordagem biográfica que o relato pessoal podia assegurar a transmissão de uma experiência coletiva e podia constituir-se numa representação que espelha uma visão de mundo. Por outro lado, a parcialidade do depoimento pessoal poderia ser superada pelo uso de fontes complementares.

E neste estágio da historiografia que o relato pessoal de D. Maria José Barbosa Lima ganha importância como fonte histórica tanto para a história das mentalidades e a história da cultura quanto para a história social do Brasil.

Em primeiro lugar, através de D. Maria José, uma cidadã brasileira e possível perceber a visão de mundo de uma mulher da nossa sociedade no século XX. Apesar das singularidades da depoente, seu relato pode ser tomado como representativo de uma mulher de seu tempo e de sua classe social.

Sua narrativa, além de denotar grande sensibilidade para captar a sociedade em que vive e expressar uma memória coletiva, aborda diferentes temas que por sua vez apresentam inúmeras possibilidades de utilização como fonte para pesquisa.

Um tema especialmente rico para ser trabalhado é a história da assistência social no Brasil que, aliás, ainda está para ser escrita, embora sejam muito antigas as primeiras iniciativas de auxílio sistemático aos desvalidos através da atuação das Santas Casas de Misericórdia. Sem dúvida, esforços têm sido feitos visando recuperar a trajetória de algumas instituições relevantes, mas ainda estamos longe de possuir um retrato completo da assistência social no país.

Uma área completamente a descoberto é a da ação das mulheres de homens públicos que ocuparam cargos executivos, as chamadas primeiras damas, denominação sempre usada de forma pejorativa e que nos bastidores e de forma despercebida desempenham importantes papéis no campo assistencial

no país. Os esforços de Darci Vargas para a criação da Legião de Caridade e da Casa do Pequeno Jornaleiro de Sara Kubitschek para criar as Pioneiras Sociais de Alzira Vargas na fundação Anchieta e na Maternidade Divina Providência de D. Maria José e certamente de outras mulheres não mereceram a atenção devida.

Por essas razões, as memórias de D. Maria José revestem-se de importância e assumem um caráter pioneiro visto que não se tem notícias de publicações de caráter semelhante.

O depoimento de D. Maria José também pode nos ajudar a refletir sobre as relações entre a mulher e a política na sociedade brasileira. Considerando o número pouco expressivo de mulheres que participaram da vida pública brasileira com reconhecimento e extremamente útil a trajetória de D. Maria José que mesmo dizendo não gostar e não entender de política sem dúvida teve uma participação singular e importante.

Resta chamar a atenção ainda que o relato de D. Maria José suscitou-me imensa curiosidade e desejo de conhecer com mais profundidade alguns momentos de sua história de vida. A entrevista, entretanto, privilegiou apenas alguns aspectos de sua trajetória e a ordem de apresentação dos temas segue uma cronologia frouxa que nem sempre facilita a compreensão dos fatos. Ao longo do livro são inseridos textos sem uma explicação de onde foram extraídos (o que o historiador chama de citar as fontes), o que também cria algumas dificuldades para o leitor. Julgo que o uso da metodologia da História Oral na coleta dos depoimentos teria sido extremamente útil conferindo uma maior densidade à entrevista.

Essas observações não desmerecem, entretanto, a importante iniciativa das entrevistas e o resultado final do trabalho. As memórias de D. Maria José não só constituem fonte rica para o pesquisador em geral, como também é um livro de leitura agradável para o grande público.

MARIETA DE MORAES FERREIRA ■

# A luta pelo direito de enterrar os filhos

## Mães de Acari uma história de luta contra a impunidade

NOBRE Carlos

Rio de Janeiro Relume Dumara 1994

O autor narra os acontecimentos a partir da experiência de seus personagens. Estes, com suas famílias, tentam livrar-se da pressão dos policiais que abusam do poder para extorquir, ameaçar e matar.

A forma típica de romance policial com que Carlos Nobre descreve a luta das mães que se encontram sob a mira da polícia faz com que o leitor se torne cúmplice dessas mulheres, as Mães de Acari, principais personagens desta história.

Logo no início da narrativa, o autor descreve o acontecimento-chave de toda a trama: uma sucessão de fatos em que práticas de suborno e ameaças policiais culminam na busca desesperada de mães pelos corpos de onze jovens.

Éra sábado, 14 de julho de 1990, início da noite. Numa busca, jovens bebericavam e muita gente se dirigia para uma festa junina organizada pela comunidade.

Faltavam dez minutos para as oito horas da noite. A chegada de um rapaz bastante assustado deixa o pessoal da birsca em estado de alerta. Ele revela que os PMs invadiram a casa de dona Edmea da Silva Euzébio, 47 anos, moradora antiga da favela. Um dos militares (em número de três) manda parar a festa. No peito de cada um, a identificação funcional está encolada com esparadrapo, uma máscara que denuncia os piores propósitos. Se houvesse queixa contra eles, ninguém poderia citar seus nomes. A comunidade tem pavor dos policiais. Ações anteriores dos PMs na favela explicam o receio. Os homens que se aproximam fazem parte do grupo conhecido como *Cavalos Corredores*, criado especialmente pelo comando do 9º BPM em Rocha Miranda para combater o tráfico de drogas. Eles entram correndo e atirando nas comunidades carentes, daí o apelido. (p. 20-22)

Dentro da casa de Dona Edmea, dois rapazes e uma moça permaneciam como reféns dos policiais militares. Os policiais exigiam a soma de cinco milhões de cruzeiros (em 1990) para liberar os três jovens, dos quais apenas um deles, Moisés

de 26 anos, praticava assaltos a caminhões de carga. Segundo o depoimento de Dona Edmea, Moisés e Lula, envolvidos nessas ações ilegais, contratavam um grupo de menores de Acari (entre os quais seu filho) para organizar bailes na comunidade. Lula, que não estava entre os reféns, foi negociar com os policiais e conseguiu entregar-lhes quase dois milhões de cruzeiros. Os reféns foram liberados com a promessa de conseguir o restante do dinheiro exigido.

No dia seguinte, quando os PMs voltaram à favela para receber o restante do resgate, foram informados de que o resto do dinheiro estava com um advogado habitado a realizar este tipo de intermediação. Nessa ocasião, os PMs perguntaram por Lula, Moisés e mais dois rapazes, Wallace e Bira, também envolvidos no roubo de cargas. Estes, ao saberem que estavam na mira dos policiais, resolveram passar um tempo fora de Acari.

Numa tentativa de despistar o esconderijo, saíram de Acari dizendo que iriam para Cachoeira de Macacu. Na realidade, foram para um sítio em Mage, de propriedade de um rapaz que se juntou ao grupo. Queriam descobrir a fuga através de um programa de fim de semana. Lá, estariam aiem dos procurados pela polícia, as namoradas de alguns dos rapazes, em um total de 12 jovens, entre os quais alguns menores. Um dos rapazes (o Jacaré) teria voltado antes do extermínio e era posto em sua peça pela comunidade, assim como o motorista de um dos carros que os levaram para Mage.

A avó de Wallace, dona do sítio, em que se encontravam os jovens, teria sido prevenida pelo neto de que estavam fugindo da polícia. So não foi sequestrada com o grupo e provavelmente também assassinada, porque, ao notar a chegada dos policiais que perguntavam por joias e dinheiro, pulou a janela com o neto que vivia com ela e se escondeu entre as bananeiras de seu sítio.

Quando a notícia do desaparecimento dos jovens saiu nos jornais, a comunidade partiu para procurar os corpos. Tiveram ajuda da própria polícia através do tenente coronel Walmir Alves Brum, então responsável pelo inquérito instaurado.

A partir daí, desenvolveu-se uma intrincada história em que policiais queriam parte do dinheiro obtido com roubo de carga de caminhões, no qual estavam envolvidos somente três dos onze desaparecidos. Apesar da abertura de um processo e da acusação a alguns policiais,

a partir do relatório do tenente coronel Brum os acusados permaneciam livres. Um dispositivo do Código de Processo Penal determina sem cadáver não há assassinato. Por outro lado o tenente coronel Emir Laranjeira que chefiava o 9º BPM a época do sequestro desqualifica o relatório do tenente coronel Brum atribuindo o crime aos traficantes de Parada de Lucas que teriam agido a mando dos traficantes de Acari. O autor mostra então uma sucessão de práticas de proteção corporativa na qual autoridades políticas e policiais procuram proteger velhos companheiros minimizando a tragédia.

Durante todo o tempo destacando-se o período em que as investigações ficaram sob a direção do tenente-coronel Alves Brum a estratégia era encontrar os corpos. O que se sabia e que as onze vítimas tinham se escondido na casa de parente de um deles levando suas namoradas.

A história das Mães de Acari faz lembrar uma tragédia de Sófocles. Antígona se rebela contra a ordem de seu tio Creonte que proíbe o enterro de seu irmão. Uma mulher motivada por laços de parentesco desobedece ao tio e por isso deve ser morta. Vários personagens literários e reais, mulheres mães irmãs, motivação pelo afeto e pelas tradições enfrentam com coragem um poder que não se apresenta de forma tão explícita como na tragédia grega. O poder dos fracos e esta capacidade de luta e coragem para cumprir a tradição de enterrar seus mortos. Não são os Pais, mas as Mães de Acari que desde 1990 procuram os corpos de seus filhos. Nesse tempo algumas perderam marido, emprego foram acometidas de gravidez psicológica e uma delas Edmea considerada uma das principais líderes assassinada. Outras recorreram a centros espíritas e a igrejas pentecostais. Sonhavam com seus filhos sendo maltratados. Mas nada disso impediu que essas mães se unissem numa luta que se transformou em movimento político.

A tragédia de Acari revela muito do cotidiano das classes populares brasileiras, muitas vezes envolvidas com subornos policiais para libertarem seus filhos eventualmente ligados a alguma forma de contravenção. O caso de Acari ao contrário da obra de Sófocles não está concluído. Mulheres mães procuram há mais de cinco anos os corpos de seus filhos.

Na tragédia de Sófocles Antígona desobedece ao rei Creonte e enterra seu irmão considerado traidor, cumprindo o ritual segundo o qual os mortos merecem um sepultamento.

Em Acari podemos ver as marcas da tragédia grega: heroísmo, coragem e solidariedade

de das mulheres. A irmã de Antígona propõe ao tio ser morta no lugar da traidora. O que une as Mães de Acari não são os laços de parentesco, mas o fato de terem seus filhos vítimas do mesmo grupo de exterminadores. Algumas não moravam em Acari, nem se conheciam, mas chegaram a fundar uma ONG.

A grandeza e o heroísmo das Mães de Acari baseiam-se na exigência do direito de chorar e enterrar seus filhos. A heroína de Sófocles é uma nobre, eleita pelo autor para realizar um ato de bravura: dar ao irmão o direito de ser enterrado, se não como rei, como um simples mortal.

Para Marilene a coisa mais absurda, além de ter perdido a filha, era não ter tido o direito de enterrá-la. As pessoas que fizeram isso nem são inteligentes, repete ela sempre. Se fosse, teriam deixado os corpos. Com os corpos a gente chorava, deixava correr nossa dor e enterrava. Tudo seria logo esquecido porque somos pobres. (p. 20). Enterrar os corpos no entanto, senão reconhecer o massacre de 11 jovens que numa intrincada história policial de subornos e ameaças as famílias tornam evidentes as relações perigosas entre policiais e criminosos que muitas vezes não se distinguem entre si.

Edmea foi assassinada em 15 de janeiro de 1993 na estação de metrô da Praça Onze quando vinha do presídio Frei Caneca onde fora buscar informações. Com ela também foi assassinada uma moça que acabara de conhecer no presídio.

Em seu último depoimento, através de carta precatória na 10ª Vara Criminal do Tribunal do Rio de Janeiro, continuava acusando policiais, dizendo que se calaria se a matassem.

Edmea declarou ao autor do livro que queria justiça.

Tem que ter, Claro. Se eu sair com você rodando esta favela, eu vou mostrar as mães dos filhos que eles mataram. E todo mundo: Ah, moço, a gente tem medo. Tem que ter uma justiça. Porque senão amanhã eles chegam aqui e matam minha neta, matam meu neto, o filho da vizinha e ninguém vai falar nada, porque eles são matadores. Tem que haver justiça, meu Deus do céu.

Eu não aceito que digam que não tem solução. Tem que ter solução. Ate que mexam embaixo da saia da mãe deles, tem de ser cobrado. Porque mexeram com a gente. A gente não vai mexer com o coração da mãe de ninguém. A gente chora, elas riem. Não pode. Então vamos chorar igual. Sendo que aqui são onze mães juntas. E elas, quando chorar, vai ser uma a uma. Vai ser pior. (p. 135).

ROSILENE ALVIM ■

# Teoria crítica sim, com autocrítica

## Infância e Violência Doméstica fronteiras do conhecimento

AZEVEDO M A GUERRA V N A (org)

São Paulo Cortez Editora 1993

A temática desta coletânea apresenta a maior relevância pois no Brasil sequer se con seguiu visibilizar na medida do desejável o fenômeno da violência doméstica Mesmo com as Delegacias da Mulher cujo peso neste processo é apreciável ainda se esta aquém do ponto capaz de mobilizar a sociedade em defesa dos socialmente mais frágeis Como a família e excessivamente sacralizada a sociedade tende a se condoer com a situação das crianças de rua e a não se imiscuir na vida das que vivem com seus pais Graças a crença de que toda mãe e todo pai ama seus filhos embora a história e a ciência tragam serias evidências de que este tipo de amor é construído através da convivência E tudo que depende das relações humanas pode tomar a direção do amor ou do ódio Ou melhor há sempre uma dose de cada um destes sentimentos em todas as relações sociais o que significa que mães e pais podem ser até muito devotados a seus filhos sem contudo deixar de sentir raiva deles sobretudo nos momentos de desacato a sua autoridade É preciso ainda mostrar a natureza mítica da crença de que mães e pais gostam homogeneamente de seus filhos pois na verdade amam nos diferencialmente Gostam mais de uns que de outros gostam de uns e não gostam de outros A revelação da violência doméstica contra crianças e adolescentes seja através de palestras debates vídeos seja por meio de pesquisas amplamente divulgadas auxilia a dessacralizar a instituição da família tornando-a passível de crítica e portanto de aperfeiçoamento

A antologia resente-se porém de uma caracterização precisa do fenômeno sobre o qual incide Há momentos em que a violência doméstica parece limitar-se às fronteiras familiares enquanto há outros em que se extrapola de muito os contornos da família e do grupo doméstico A rigor a violência doméstica não se restringe nem ao grupo de parentes consan-

guíneos ou afins nem ao âmbito do domicílio Sua territorialização deve ser precisa a fim de não induzir o leitor a equívocos O grupo domiciliar deve obedecer em geral a um senhor a um *dominus* que *de facto* embora não *de jure* detém poder de vida ou morte sobre sua mulher e sua prole Na ausência deste amo pode assumir seu lugar a mulher mas também pode fazê-lo um filho via de regra o mais velho O agressor de crianças e adolescentes não é desta forma sempre homem Mesmo quando a figura paterna está presente no domicílio a mulher se transfere o poder de aplicar castigos físicos aos filhos nos impedimentos do chefe mor Pai e mãe podem aliar-se na perpetração de violência física contra crianças e adolescentes vivendo sob o mesmo teto O poder da mãe rigorosamente pertence ao pai que lhe delega A hierarquia das bicadas define-se através de dois eixos 1) o das gerações no qual os menores devem obedecer aos adultos 2) o de gênero que especifica a subordinação da mulher ao homem Na área da violência sexual o homem detém poder quase absoluto constituindo-se no agressor praticamente exclusivo das categorias sociais em apreço Mais do que isto pode estender seus tentáculos a co-residentes não parentes como é o caso da empregada doméstica frequentemente obrigada a prestar favores sexuais a seu patrão ou ao filho deste Assim a violência doméstica transcede os laços familiares não se contendo no espaço interno do domicílio Não é raro que o homem espere sua mulher de frente ao local de trabalho desta para espanta-la exemplarmente diante de seus colegas visando a humilhá-la Desta sorte a violência doméstica pode ocorrer em qualquer lugar mas só pode ser praticada por aquele ou aqueles que detêm poder no grupo domiciliar Obviamente a maior parte da violência doméstica recai sobre parentes na medida em que a unidade domiciliar é mais densa do que a de não parentes É importante todavia deixar claro que o poder do *dominus* ou de quem lhe faz as vezes extravasa os limites da família Especialmente no domínio da violência sexual este esclarecimento adquire grande relevância

O livro divide-se em quatro partes A primeira refere-se à família e à violência que dentro dela se pratica contra crianças e adolescentes O artigo de C. Bruschini apresenta alta

qualidade fazendo uma revisão da literatura sobre o tema. O de J. P. Netto não é menos bom. Entretanto, cabe a pergunta: qual é sua relação com a violência intrafamiliar? Bruschini não aborda esta questão e certamente não assumiu este compromisso. A Netto foi dada a incumbência de discorrer sobre a família do ponto de vista da teoria marxiana. É ele próprio que declara: não encontramos em Marx uma elaboração teórica centrada em instituições como a família (p. 83-4). Também o artigo de J. L. Crochick revela certo constrangimento. Tendo discorrido brevemente sobre teoria crítica e ideologia, não cabia de forma direta referência à família e seus vínculos com a violência contra a geração imatura. Desta sorte, estes três trabalhos não incidem sobre o tema, o que revela erro de concepção do livro. M. A. Azevedo parece ter descoberto agora a Escola de Frankfurt e por ela estar deslumbrada. Deseja a construção de uma Teoria Crítica da Violência Familiar contra Crianças e Adolescentes, convidando o leitor a dar sua contribuição para o desempenho desta tarefa, que ela acredita coletiva (p. 46). Pode-se discordar frontalmente dessa ideia, pois há pessoas bem dotadas para a teoria e outras nem tanto. De outra parte, há muitas teorias construídas de forma totalmente solitária. No que tange a teoria em epígrafe, o imprescindível é ter domínio sobre as outras duas que lhe deram origem: o materialismo histórico e a psicanálise. Não segue por aí, porém, o interesse (ou a competência) de Azevedo, que trata de reconstituir a trajetória da Escola de Frankfurt, transcrevendo numerosos capítulos do livro de B. Freitag (*A Teoria Crítica Ontem e Hoje*, Brasiliense, 1990). Aliás, não é somente desta obra que o número de transcrições é excessivo. O histórico da Teoria Crítica não apresenta nenhum interesse para o debate sobre família e violência contra crianças e adolescentes. Mais adequado seria discutir as várias vertentes desta teoria, que está muito longe de ser homogênea, inclusive da perspectiva epistemológica. Não seria o caso de apontar, discutindo os conceitos dos quais eventualmente se possa partir para formular uma Teoria Crítica da Violência Familiar contra Crianças e Adolescentes? Mas isto requer conhecimento e criatividade. Sem se dar pelo menos o primeiro passo na construção desta teoria, não parece adequado lançar o desafio de uma nova formulação teórica. O fato de a T. C. não incidir diretamente sobre o fenômeno da violência intrafamiliar não significa que não se possa tomá-la como base para a geração

de um novo referencial teórico adequado para tratar do fenômeno. O problema reside em convidar o leitor a desempenhar um papel para o qual não se lhe dá nenhuma pista.

A segunda parte da antologia é dedicada ao Abuso Sexual Ritualístico, fenômeno não necessariamente vinculado à violência doméstica. Ao contrário, as evidências sinalizam a recorrência do sacrifício do filho dos outros, escapando por conseguinte não apenas do âmbito doméstico como também familiar. Trata-se de uma parte do livro bastante desigual. Traz conhecimentos antropológicos interessantes, mas abordados ligeiramente em artigos muito curtos, talvez mesmo em decorrência de não estarem diretamente ligados ao fenômeno central da coletânea. De duas uma ou os artigos sobre o sacrifício de crianças não cabem no livro ou o título deste é demasiadamente restrito. Esta falta de correspondência entre título e conteúdo é aliás um traço marcante do livro. Haja vista o artigo Crimes Sexuais Barbaros contra Crianças e Adolescentes, alguns apontamentos de Azevedo. Se há um fenômeno do qual o artigo não trata e exatamente da violência doméstica contra a geração imatura. Digno de nota e o excelente trabalho do médico Oswaldo Frota Pessoa sobre os portadores de um cromossomo X e de dois (XY). Todavia, mais uma vez, se trata de um fenômeno mais geral que ultrapassa a temática que dá nome ao livro.

A terceira parte da antologia traz o título de Abuso Físico e Incesto. Recorre-se a um médico espanhol para a exposição do quadro epidemiológico dos maus tratos de menores. Obviamente, os dados que compõem este quadro dizem respeito à Espanha. Em nenhum momento neste livro mencionam-se os aspectos epidemiológicos da violência doméstica contra crianças e adolescentes no Brasil. São muitos os acadêmicos que reclamam da carência de dados globais sobre certos fenômenos sociais no país e, via de regra, com razão. Quando eles existem, porém, não são utilizados com a frequência desejável. Há um suplemento da PNAD 1988, publicado pela FIBGE em 1990 e amplamente conhecido por estudiosos da violência, que apresenta dados globais para o país e grandes regiões sobre agressões físicas desagregadas por sexo, faixa etária, local da prática da violência, relação agressor-vítima. Ainda que o local da agressão não permita apreender todas as violências físicas domésticas cometidas contra crianças e adolescentes, as perpetradas em residências lidas conjuntamente com a relação de parentesco entre

agressor e vítima possibilitam averiguar a extensão deste problema social. É lamentável que as organizadoras da coletânea não se tenham valido da publicação da FIBGE, única fonte confiável de dados globais.

A respeito de relações incestuosas parece fundamental distinguir entre o verdadeiro incesto, só possível numa relação não permeada pelo poder e portanto prazerosa e o abuso incestuoso no qual se separam nitidamente a figura do agressor e a figura da vítima impondo o primeiro sua vontade a segunda (SAFFIOTI *Circuito Fechado: Abuso Sexual Incestuoso* 1993). Esta não constitui, entretanto, uma preocupação das autoras deste texto mais centradas na esteira do trabalho de Herman e Hirschman na diferenciação entre o caráter recorrente do abuso sexual do pai contra a filha, chamado de incesto ordinário, e na rara ocorrência do denominado incesto extraordinário, como o que acontece entre mãe e filho. Afirmam as autoras (Azevedo, Guerra e Vaicunas) que "Conceber o incesto pai-filha como abuso/vitimização sexual doméstica da mulher-criança pelo pai homem e adulto implica no pressuposto de que tal prática pode gerar *consequências psicológicas* do incesto pai-filha, na medida em que os resultados de pesquisa na área estão ainda muito longe de serem convergentes ou pacíficos" (p. 197 & *italicos no original*). Concorda-se com o segundo período, pois há quem defenda a iniciação sexual de meninas por seus pais e há estudiosos que não vêem qualquer mal em relações incestuosas em si mesmas, mas se discorda radicalmente da primeira assertiva. Ainda que não haja *consequências deletérias* para a menina conduzida a uma relação incestuosa com seu pai, ela teve negavelmente um direito humano violado. Ora, como não existe lugar ontológico para a violência, a única perspectiva que resta para os que manifestam interesse por crianças enquanto titulares de direitos, consiste na intransigente defesa dos direitos humanos, inclusive daqueles que não atingiram a maioridade civil. As três autoras do artigo e em particular as organizadoras da coletânea oscilam entre os desejos de definir ontologicamente a violência e de defender os direitos humanos de crianças e adolescentes, parecendo não perceber a abissal diferença entre eles. O Quadro 1, denominado Mapeamento dos Resultados, revela-se extremamente insuficiente para comunicar ao leitor o conteúdo das entrevistas realizadas com 21 meninas entre 3 e 18 anos, **com queixas de incesto**

**pai-filha** atendidas no ano de 1985 pela primeira Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher em São Paulo. Tais informações mereceriam uma análise qualitativa de corte feminista. Mais do que isto, as histórias de vida destas meninas deveriam ter sido reconstituídas, pois este tipo de material permite análises bastante profundas. O quadro, ao contrário, simplifica e empobrece. O artigo de C. Cohen sobre incesto deixa muito a desejar. Não apenas não distingue entre incesto no qual há convergência de vontades e abuso incestuoso, relação que implica a imposição da vontade de um sobre a vontade do outro, como define o primeiro através do segundo. Podemos definir incesto como um abuso sexual intrafamiliar. Portanto, as características do incesto são o abuso sexual e o vínculo familiar (p. 212).

A quarta parte do livro incide sobre políticas sociais capazes de coibir a violência doméstica contra crianças e adolescentes. É escrita pelas organizadoras e traz a baila algumas das condições enfrentadas pela infância brasileira, assim como a questão das políticas sociais a respeito do fenômeno em epígrafe, com referências a São Paulo e outros países, sobretudo Estados Unidos. Sobre violência sexual, utilizam-se os dados da CPI da Violência contra a Mulher, que, embora falhos, constitui em a única fonte de informações globais. Lamenta-se que as autoras recorram a expressão *racista pedagogia negra* (p. 242, 255, 274) referindo-se a métodos violentos de adestramento de crianças e a expressão *mosaico negro* para designar a situação da infância em dificuldade, da infância violentada e violada cotidianamente (p. 245, *italico de HIBS*). A verdadeira atitude de defesa dos direitos humanos exige a construção de uma subjetividade singular, que fuja, portanto, a serialização produzida pelas ideologias hegemônicas de gênero, de raça/etnia e de classe social. Profissões de fé não bastam, pois a conduta ordinária não é capaz de filtrar sociabilidades autoritárias, tão somente reprimidas, contrárias a defesa dos direitos humanos, exige uma nova ética de convivência, que se poderia designar com a ética da liberdade, cujo significado apresenta no mínimo duas faces: a possibilidade de outro sobre quem recaem as políticas sociais, experimentar livremente distintos modos de viver e a necessidade daquele que formula estas políticas ser livre de preconceitos. Não há liberdade possível na vivência da discriminação contra o outro, seja ela de gênero, de raça/etnia, de classe social. Aliás, a coletânea ganhou muito se estes três

recortes fossem realizados de forma integrada. Não obstante os equívocos de concepção do livro e a flutuação da qualidade dos diferentes artigos, pode-se considerar positiva sua publicação, porquanto chama atenção para um fenômeno da maior gravidade e que exige urgentes soluções ou encaminhamentos para isto. Ademais, é preciso que intelectuais, sobretudo feministas, discutam esta temática.

Esta resenha pretende ensinar a abertura deste debate que inclui questões polêmicas como a das relações incestuosas entre adultos e menores, não serem necessariamente deletérias para a segunda categoria, problema aqui apenas tangenciado.

HELEIETH I. B. SAFFIOTI ■

## Ainda temos muito o que dizer

### Acerca de las Mujeres Género y Sociedad en la Pampa

LISCIA, María H. D.; LISCIA, María S. D.; BILLOROU, María J. e RODRIGUEZ, Ana M. (org.)

Santa Rosa, FCH UNLPam, 1994

Esta última década desencadeou no interior dos estudos feministas um amplo questionamento teórico e político, mobilizando esforços de diferentes disciplinas em torno da (re)formulação de suas pesquisas. Por um lado, essa aparente crise visava desvincular os estudos sobre família, sexualidade, hierarquização sexual etc. do estigma daquilo que se popularizou como feminista, ou seja, sinônimo de uma análise parcial e comprometida com as reivindicações dos movimentos feministas. Por outro, o grande desafio estava em conseguir respeitabilidade tanto no recorte temático quanto na qualidade das análises empreendidas. No Brasil, houve uma grande proliferação de grupos de pesquisa e estudo dedicados especificamente à temática da mulher. Recentemente, estes grupos e outros que estão surgindo passaram a incorporar a temática da mulher às discussões de gênero. *Acerca de las Mujeres* é um livro publicado há pouco na Argentina que pode contribuir para esquentar nossas discussões sobre gênero e mulheres.

Olivo e fruto de pesquisas coletivas e de estudos interdisciplinares desenvolvidos na Universidad Nacional de la Pampa (interior da Argentina), o que demonstra a proliferação deste tipo de pesquisa para fora dos muros dos grandes centros acadêmicos. Quatro historiadoras vasculham

uma vasta documentação levantando uma multiplicidade de temas e espaços sociais, instituições estatais e religiosas. Enfim, sacodem a poeira de livros, jornais, códigos penais, processos criminais, mapas, estatísticas e revistas à procura de informações sobre mulheres de diferentes classes sociais e credos religiosos. Elas querem saber o que a sociedade da região dos pampas do início do século XX (1914 a 1930) pensava e desejava das mulheres e os valores norteadores da organização dos papéis sexuais.

O início do século vinte demarca para esta região um momento de transformações políticas e estruturais. A luta pela autonomia da província mobiliza a população local, configurando mudanças no padrão demográfico, moral e econômico. Este cenário e segundo as autoras, propício para historiar também a participação das mulheres na esfera pública, o que escreviam, como buscavam expressão social. Dentre as temáticas abordadas no decorrer do livro, moda, sexualidade, criminalidade, educação política, sanitária, prostituição, filantropia, figura um ensaio dedicado a confrontar o discurso socialista e o católico, numa tentativa de desmistificar a ligação entre socialismo e melhoria das condições femininas. No ataque de socialistas ao tradicionalismo da Igreja Católica, as autoras vão descortinando aproximações chocantes entre certos valores morais do senso comum, subentendidos no próprio discurso que se dizia progressista e libertador.

Cada ensaio do livro possui sua própria especificidade, aborda um tema, um período, uma documentação que lhe é própria. A unidade do livro (além da demarcação espaço-temporal) fica estabelecida pela maneira como as autoras propõem recriar uma história das mulheres sob a ótica de uma determinada con-

cepção de gênero. Sempre que se remetem ao termo mulher as autoras têm a preocupação de usar o plural *mulheres* visando assim demarcar um certo distanciamento para com a forma homogênea e universal de utilização desta categoria. A diversidade interna (mulheres pobres, ricas, brancas, negras, urbanas, rurais, letradas, analfabetas) e a historicidade da condição feminina ficam então implícitas neste recorte histórico das mulheres e não história da mulher.

Quando no primeiro ensaio a historiadora M. H. Di Liscia realiza uma espécie de balanço teórico dos estudos sobre mulher apontando os limites e delimitando o posicionamento dessa pesquisa no rol dos estudos contemporâneos, vemos emergir no texto os primeiros indícios de uma tensão teórica na forma como a autora faz a leitura de um texto clássico da literatura de gênero, o trabalho de Joan Scott que se intitula *Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica*. Esta tensão existe (não apenas neste capítulo mas no livro como um todo) justamente porque ao meu ver as autoras fazem uma análise historiográfica completamente distinta da proposta de Scott sem discordar da autora mas dizendo concordar com a mesma. Em outras palavras penso que há tensão e divergências na própria compreensão e leitura deste texto de Scott sem entrar no mérito da autora ter razão ou não. Destacarei para reflexão quatro pontos polemicos que rondam os embates em torno da noção de gênero e que estão presentes no livro: 1) o recorte cultura/natureza, gênero/sexo; 2) gênero e a manutenção de um sujeito coletivo heterossexual ou seja gênero e a perspectiva identitária; 3) o uso descritivo e o uso analítico da categoria gênero; 4) gênero e ruptura epistemológica.

Em *Acerca de las Mujeres* gênero e concebido como uma categoria cultural impuesta sobre un cuerpo sexuado.<sup>1</sup> (p. 21) e

es un elemento constitutivo de las relaciones baseadas en las diferencias que distinguen a los sexos y además el campo primario dentro del cual se articula el poder. (p. 22)

Esta definição de gênero como sendo o aspecto cultural que incide sobre uma base primeira (sexo natural) e uma forma de distinguir o fenômeno social da sexualidade da determinação direta do sexo ou seja e uma forma de utilizar gênero para enfatizar a construção social das ideias adequadas ao comportamento de homens e mulheres (Estudo das ideologias presentes nas relações entre os sexos). No livro esta distinção é adotada como se fosse a forma sugerida por Scott. Este é um dos primeiros pontos de divergência de leitura pois no meu entender quando Scott apresenta esta concepção de gênero ela está justamente criticando a apontando seus limites para desenvolver a argumentação em torno de uma concepção de gênero como categoria analítica. Outro detalhe interessante e que na definição de gênero como constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças **percebidas entre os sexos** Scott<sup>2</sup> acrescenta o termo **percebidas** negligenciado pelas autoras de *Acerca de las Mujeres*. Penso que Scott pretendia mais uma vez *desnaturalizar* a nossa compreensão da diferença sexual que para ela não existe em si depende da maneira como a **percebemos**.

Tratar o sexo como natural, algo que antecede as marcas da cultura, seria uma forma estática, uma forma única de significar o corpo humano, o que para Scott seria negar a historicidade do gênero em si mesmo. Neste ponto encontramos outro foco de tensão. Por atuar também na confecção corpórea, gênero para Scott não se limita a papéis sociais, valores culturais. Ele implica sobretudo práticas de subjetivação (psíquicas e corporais) que subvertem as fronteiras entre o natural e o cultural. Como categoria analítica, não como tema ou categoria histórica (homem/mulher), gênero inclui a possibilidade de uma história política, uma história das artes, uma história da filosofia etc. que abarquem tanto a relação homem/mulher como possíveis analogias entre as referências femininas e masculinas para coisas, instituições, práticas políticas e ainda abre a

<sup>1</sup> Na versão brasileira deste texto de Scott *Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica* suprimiram-se as notas que constavam no original. Justamente quando Scott analisa esta compreensão de gênero ela acrescenta o seguinte comentário crítico em forma de nota: Para um argumento contra o uso do termo gênero para enfatizar o aspecto da diferença sexual ver Moira Gatens, *A Critique of the Sex-Gender Distinction* ( ) Eu concordo com o argumento dela de que a distinção sexo/gênero garante uma determinação autônoma ou transparente para o corpo ignorando o fato de que sabemos sobre o corpo ser um conhecimento culturalmente produzido. (Tradução *Estudos Feministas*) SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma Categoria*

*Útil de Análise Histórica*. Revista *Educação e Realidade*, Porto Alegre, jul/dez 1990, 16(2): 6-22.

\_\_\_\_\_. *Gender and the Politics of History*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1988.

<sup>2</sup> SCOTT, 1990, op. cit., p. 14.

perspectiva de se historiar subjetividades e relações sociais que estão fora da demarcação heterossexual

As autoras se referem a gênero principalmente quando na exposição *concluem que é impossível falar das mulheres sem falar nos homens* pois as identidades destes são forçadas uma em relação a outra (a mulher em relação ao homem e vice-versa) No caso da análise do controle estatal sobre a prostituição imagens de mulheres surgem em função do atendimento de certas expectativas eróticas dos homens que por ocuparem o centro do poder político censuram as mesmas mulheres que acariciam em noites de farra Em outras palavras gênero possibilita as autoras pensar de forma relacional sem fazer das mulheres um objeto histórico isolado Esse aspecto relacional e um dos poucos pontos de consenso entre as diferentes noções de gênero Podemos apenas indagar a partir deste mesmo texto de Scott se estamos diante de formas distintas de compreender esse aspecto relacional Para as autoras de *Acerca de las Mujeres* essa relação fica implicitamente restrita a uma composição heterossexual Não há em momento algum do livro qualquer tipo de questionamento das fontes quanto a naturalidade desta dualidade homem/mulher As autoras questionam o conteúdo ou seja questionam o que socialmente se entende pelo domínio feminino e pelo masculino Questionam a vinculação entre feminino e fragilidade inferioridade domesticidade etc Questionam o masculino como símbolo de poder força persuasão Contudo não problematizam a *resistência do feminino ao mundo das mulheres* ou do masculino como domínio exclusivo dos homens não chegam a explicitar a heterossexualidade como construção social descrevem e constata a sexualidade binária presente nos discursos das distintas fontes pesquisadas

No horizonte das problemáticas suscita das em *Acerca de las Mujeres* não há espaço para se desconstruir o referencial identitário A diversidade *interna* aludida antes em torno do uso do termo mulheres e subsumida diante da unidade estabelecida *externamente* através da referência a diferença homem/mulher No fundo o que une tão díspares subjetividades (os mais variados tipos de mulheres e os mais variados estilos masculinos) e os constituem enquanto grupo é o aspecto biológico o fato de se ter nascido com órgãos sexuais masculinos ou femininos e o fato destas diferenças assumirem significações sociais distintas A ênfase em uma história das mulheres mesmo considerando a

presença histórica dos sujeitos homens se faz dentro dos limites de uma demarcação identitária (reforça a semelhança biológica em detrimento das diferenças sociais em função do argumento de que esta condição biológica estipula uma pauta comum de sofrimentos discriminações e determina um conjunto de problemas sociais particularizados que permite a atuação política enquanto grupo)

Neste sentido os dois objetivos básicos do livro em primer lugar *reintegrar* las mujeres a la historia y en segundo termino *resituir* a las mujeres su historia constituem ao mesmo tempo a síntese da investigação e o nó polêmico do texto Joan Scott<sup>3</sup> em outro texto fazendo um balanço da história das mulheres nos últimos vinte anos caracteriza este procedimento como uma história suplementar Uma história que acrescenta e valoriza um novo sujeito histórico (mulheres) mas que não extrapola este funcionalismo se restringe a dar as mulheres uma história e a acrescentar a história da humanidade um novo sujeito antes ignorado pela história universal neutra (do ponto de vista de gênero) Em outras palavras Scott critica a manutenção do sujeito Para ela é preciso desconstruir analiticamente o sujeito para que ele possa perder o status de naturalidade ontológica e ganhar novamente sua dimensão histórica (homens e mulheres forjados cultural e historicamente) Dependendo da maneira como nos relacionamos com a documentação podemos contribuir ou não para essa historicização A manutenção do sujeito mulheres seria assim uma forma de ratificar o dado da documentação esse seria talvez o perigo a armadilha da história narrativa descritiva Em *Acerca de las Mujeres* se percebe ao mesmo tempo a fragilidade e a magia deste empreendimento As autoras (e provavelmente nos leitores) foram seduzidas pelas imagens e retóricas da documentação embarcaram nas classificações operadas pelas fontes que são tratadas no texto como testemunho como monumento de uma história a história das mulheres (ou de como os homens a construiram)

No capítulo *Imágenes Femeninas Mujer y Mujeres* a autora nos remete a dois tipos ideais de mulher construídos pelo discurso da imprensa

<sup>3</sup> Scott está sendo utilizada como contraponto para o diálogo com as autoras por ser uma das teóricas do gênero mais citadas durante o livro *Acerca de las Mujeres* SCOTT Joan Wallach Prefácio a *Gender Politics of History* Campinas *Cadernos Pagu* IFCH/ UNICAMP vol. 3 1994

sa A mulher reprodutora mãe e responsável pela harmonia do lar e do lado oposto a mulher mundana própria para os baixos prazeres da carne desprezível para os homens de bem Os discursos tentam elaborar a essência do feminino (Essa dualidade mulheres do lar e mundanas esta presente também nos demais ensaios do livro sejam sobre o Judiciário o discurso medico higienista a Igreja o Socialismo ou o Anarquismo A autora relata ainda sutis diferenças nos artigos dedicados as mulheres Alguns estimulam o cuidado com a beleza a produção estetica cultivam a mulher adorno Outros artigos ceticos quanto ao rumo destas propagandas e preocupados com a formação de futuras donas de casa remetem as mulheres para o campo da responsabilidade *sed buenas y no as preocupe tanto ser bonitas* diz uma citação da autora (p 72) Nesses discursos como observam as autoras existe sempre um sujeito oculto O Outro implicito nesta construção da mulher e o homem aquele que de forma invisível cobra da mulher tanto a beleza quanto a responsabilidade Ele e o ser deseja do ele e o grande fim ao qual as mulheres devem direcionar seus estratagemas

O texto registra com ênfase valores imagens representações acerca das mulheres apontando a preocupação da época com a expectativa masculina em relação a mulher No entanto esta reflexão não permite abrir o debate acerca da compulsoriedade da matriz heterossexual e das proprias formas de construir o discurso historico (questões epistemologicas) Na descrição da autora a heterossexualidade e um padrão subentendido e um dado não uma questão historica Por outro lado discordando da leitura que as autoras fizeram do texto de Scott o desafio desta busca do passado *do seria investigar gênero não como o conjunto de representações (fixas) de uma sociedade determinada acerca do masculino e do feminino* massair mesmo dessa oposição binaria desconstruir as identidades elaboradas em torno dessa dualidade buscar a dinâmica da construção simbólica o jogo de micropoderes que operam junto as significações Isto implicaria deslocar a pesquisa da noção sociologica (estatica) de papeis sexuais incorporados por individuos/grupos mantidos e reproduzidos atraves dos mais variados tipos de discursos que circulam na sociedade para adentrar as varias possibilidades de construção de subjetividades generificadas<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Algumas autoras traduzem *gendered* por sexualada(o) mas como o termo em inglês se remete

Na sua forma descritiva o uso de gênero se limita a elaboração de um tema constitui um novo dominio de pesquisas historicas mas não tem a força de análise suficiente para questionar (e mudar) os paradigmas historicos existentes <sup>5</sup> No caso de *Acerca de las Mujeres* ha uma preocupação teorica que no entanto não propõe uma revisão de Scott (talvez fosse o caso) mas seleciona da autora certas definições retirando lhes as outras possiveis implicações teoricas Scott situa gênero dentro de uma proposta de ruptura epistemologica com o marxismo ortodoxo e mesmo com o marxismo flexível heterodoxo muitas vezes vinculados a historiografia social inglesa O pos estruturalismo e para Scott uma das formas de revirar a teoria descortinando uma nova compreensão da realidade A nova função da linguagem dos processos de significação e consequentemente a nova postura quanto a análise do discurso são para Scott uma condição para se pensar gênero como uma categoria analitica útil teorica e politicamente

O procedimento historiografico das autoras não aponta para uma tal ruptura conceitual historiografica O novo para elas esta sendo concretizado no proprio levantamento de uma tematica ate então ignorada pela historiografia argentina e também atraves do questionamento da condição social das mulheres no passado daquela região Nesse sentido as mulheres são um sujeito a ser investigado e revalorizado A partir desta perspectiva apresentada em *Acerca de las Mujeres* fica então uma duvida Estaria Scott exagerando ao postular a existencia de um abismo entre pos estruturalismo e historia social? Seria necessario esta ruptura com a historia politica e a historia social quando se trata de incorporar a historia a experiência das mulheres? As autoras não levaram o pensamento de Scott as ultimas consequências em suas pesquisas optando por estabelecer elos com outros pensadores feministas que abordam gênero ou simplesmente não percebe

---

a uma ação a uma forma de atuação da cultura *creio que necessitamos de um termo que nos remetesse para este caráter de construção do genero* Em outro momento usei o termo *sexualizar* mas reconhecendo que *engendered* ainda implica algo mais do que a construção do sexo pois refere se a marcas deixadas no corpo na subjetividade como um todo opto agora por **generificar** mesmo sabendo que nao ha uma tradução literal do termo

<sup>5</sup> SCOTT 1990 op cit p 8

ram esta tensão e os desdobramentos da conceitualização de gênero proposto por Scott?

O poder outra noção polêmica dentro do pos-estruturalismo de Scott e para as autoras de *Acerca de las Mujeres* centralizado no Estado (através de suas instituições jurídicas políticas sanitárias classificações estatísticas controle da própria ciência) e atua de forma repressiva e dual ou seja nega a sexualidade da mulher e incentiva a virilidade masculina. As autoras citam os trabalhos de Foucault sobre sexualidade e sobre a microfísica do poder mas estas noções não são essenciais para a análise já que de acordo com as fontes das autoras o poder visível e macro e negligente. Há uma unilateralidade do poder mesmo tendo as autoras abandonado e criticado esta unilateralidade característica das pesquisas que pensavam o poder na sua forma patriarcal. Os homens são apresentados como construtores e narradores de uma história que visa (consciente ou não) escamotear e subestimar a participação das mulheres. Utilizam-se de referências as influências da era vitoriana entendida como sinônimo de repressão e austeridade sexual na moral daquela região. Na historiografia

varias pesquisas apontam para a redutibilidade desta compreensão moderna da sexualidade. Tanto Peter Gay<sup>6</sup> quanto Foucault<sup>7</sup> através de caminhos diferentes suscitaram dúvidas quanto a esse caráter predominantemente repressivo da moralidade vitoriana. Seria então uma especificidade da região dos Pampas essa forma repressiva de poder ou seria por parte da escrita da história uma forma viciada de interrogar a documentação?

*Acerca de las Mujeres* nos coloca no terreno fértil de um grande empreendimento de pesquisa um verdadeiro convite a reatualização da polêmica em torno do gênero e dos estudos sobre mulher que desafia nossas inseguranças teóricas ao esforço da conceitualização

---

<sup>6</sup> GAY Peter *A Paixão Eterna A Experiência Burgesa da Rainha Vitória a Freud* São Paulo Cia das Letras 1990

<sup>7</sup> FOUCAULT M *Historia da Sexualidade A Vontade de Saber* Rio de Janeiro Graal 1984 5a ed

KARLA ADRIANA MARTINS BESSA ■

## Um quadro latino-americano

### Alternativas Escassas saúde sexualidade e reprodução

---

COSTA Albertina de Oliveira e AMADO Tina (org)

---

São Paulo Editora 34 1994

---

*Alternativas Escassas saúde sexualidade e reprodução* coletânea organizada por Albertina de Oliveira e Tina Amado e o resultado de pesquisas promovidas pelo Programa de Treinamento e Pesquisa sobre Direitos Reprodutivos na América Latina e Caribe/PRODIR da Fundação Carlos Chagas projeto que conta com o apoio da Fundação MacArthur. Livro fundamental para quem trabalha com direitos reprodutivos não só pela riqueza

dos resultados que apresenta como pela diversidade dos temas abordados. Abarcando assuntos como gravidez em adolescentes discriminação de raça associada ao gênero trabalho de parteras em comunidades indígenas contracepção e religião mulheres e AIDS discurso e normas médicas e incesto o livro reúne estudos quantitativos qualitativos e reflexões teóricas. Chama atenção a boa organização e a cuidadosa edição dos textos. O perfil de cada obra como aponta Sandra Azeredo em sua apresentação reside no fato de estas pesquisas terem sido conduzidas por profissionais de diversas áreas do conhecimento e com experiências latino americanas diversas. São elas (e eles) antropólogas médicas historiadoras psicólogas e sociólogas da Argentina Chile Brasil Uruguai México e Venezuela.

A questão das instituições poderosas como a família a igreja e a medicina influenciando as mulheres na vivência da sexualidade e da re

produção surge com muitas novidades pesquisas criativas e muita dedicação Este é principalmente um livro de estudo para ser consultado e saboreado nas suas reflexões

O primeiro artigo *Resposta a gravidez entre adolescentes chilenas de estratos populares de Irma Palma Maripuez e Cecilia Quilodran Le Bert* de Santiago do Chile apresenta uma pesquisa qualitativa feita com 89 adolescentes com o objetivo de entender os efeitos de cada uma das respostas possíveis a gravidez adolescente casamento união consensual maternidade solteira adoção ou aborto *Utilizando grupos de discussão para as três primeiras escolhas e entrevistas em profundidade para as adolescentes que deram seus filhos para adoção ou fizeram um aborto* os resultados descortinam uma realidade comovente da mudança drástica e inesperada na vida dessas meninas Tomando a gravidez como *uma situação limite as autoras propõem um quadro teórico em que a noção de projeto de vida é central para o entendimento da escolha por uma determinada estratégia de sobrevivência* Utilizam esse procedimento em dois níveis naquele que articula a dimensão emocional possível para essa moças uma avaliação subjetiva realizada por elas e noutro em que se expressa um julgamento o mais possível objetivo das próprias condições de existência É sugerido que a natureza das opções adotadas se relaciona com a situação da origem da gravidez, ou seja o aborto ou adoção poderiam estar relacionados a natureza violenta ou incestuosa da relação sexual Por ser considerada uma transgressão a maternidade das adolescentes implica um esforço de elaboração de significado que se atrela ao imperativo de uma reparação ou expiação da culpa Sacrifícios renúncia e esforço pessoal constituem o solo comum que unifica as experiências dessas adolescentes ainda que suas escolhas sejam diferentes

*Maternidade adolescente em Bariloche* Argentina de Laura Caldiz Laura Malosetti e Rubens Bayardo é um artigo de caráter abrangente que articula as diversas facetas do tema adolescência e maternidade Apresenta o resultado de um estudo quantitativo com 100 adolescentes com o objetivo de estabelecer a hierarquia de fatores que concorrem para a incidência de gravidez em adolescentes em Bariloche na Província de Rio Negro A metodologia quantitativa somou-se a realização de entrevistas semi estruturadas com 15 adolescentes e algumas em profundidade A partir de um enfoque multidisciplinar os autores

examinam as estruturas e estratégias familiares as mentalidades a auto percepção e as perspectivas de gênero e sexualidade dentro deste contexto As políticas assistenciais são também abordadas Como recomendação final propõem um programa de prevenção a gravidez indesejada cuja base seria a escola através de programas de educação sexual e mudanças nos papéis de gênero

Ja o texto *Casamentos inter raciais o homem negro e a rejeição da mulher negra* de Diva Moreira e Adalberto Batista Sobrinho traz os resultados de uma pesquisa sobre o crescimento do casamento entre homens negros e mulheres brancas Nascido de uma preocupação dentro do movimento negro este estudo conduzido em Belo Horizonte apresenta uma visão demográfica e histórica dos casamentos inter raciais que antigamente se davam pela exploração sexual das escravas pelos senhores brancos quando hoje os vínculos entre os grupos se alteraram expressando as várias faces do branqueamento que a sociedade brasileira assiste O incremento da exogamia racial das homens negros e explicado como uma estratégica saída para fugir do racismo O casamento inter racial apresenta-se aos olhos dos negros como a via de acesso a uma melhor integração social e a condição de usufruto e compartilhamento com as demais raças dos bens socio culturais e econômicos produzidos pela sociedade (p 96) O trabalho inclui um exame da imagem da mulher negra na história e na literatura bem como das representações sociais sobre o racismo e da ideologia do branqueamento que situa de maneira competente o mito da democracia social

Barbara Caldenas e Leticia Pons Bonals contribuem com o artigo O trabalho das parteiras em comunidades indígenas mexicanas Neste artigo elas objetivam analisar a participação das parteiras no sistema de poder e prestígio de quatro comunidades nativas do estado de Chiapas no México O enfoque recai sobre o modo como as parteiras articulam reprodução social e biológica em contexto de práticas tradicionais A perspectiva de gênero e crucial para o entendimento dos valores da comunidade e se revela de modo exemplar nos costumes que envolvem o enterro da placenta As placentas das filhas devem ser enterradas junto ao fogão sinalizando para um nexo ritual entre destino feminino e aprendizagem dos deveres do lar por esses bebês enquanto as de filhos homens destinam-se ao espaço externo apontando para o vínculo dos homens com as ativi-

dades do campo. Tal qual varios outros trabalhos presentes neste livro a pesquisa visava subsidiar formas de intervenção na comunidade e neste caso trata-se de estabelecer politicas educativas em saude para essas comunidades tendo como parâmetro o fato da cultura tradicional ser a chave do sucesso da intervenção.

Anticoncepção e comunidades eclesiais de base e De mulheres, sexo e Igreja respectivamente de Lucia Ribeiro e de Maria Jose Nunes são duas contribuições que iluminam as relações complexas entre sexo, contracepção e religião católica no Brasil. O primeiro trabalho incide sobre mulheres de comunidades eclesiais de base com idade entre 21 e 57 anos na região de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro. A pesquisa baseou-se na tecnica de entrevistas coletivas semi-estruturadas. Os resultados atestam de que modo as praticas contraceptivas de mulheres envolvidas num projeto religioso de forte cunho comunitario não as impede de se assemelharem as suas companheiras de classe que são estranhas a essa experiência. Já Maria Jose elege as comunidades do estado de São Paulo para debruçar-se sobre o mesmo fenômeno. Ela assinala de que modo ao criarem grupos de mulheres que se reúnem fora do espaço da Igreja, esses sujeitos sociais realizam uma ruptura importante com a definição social duplicada pela religiosa da maternidade como atributo central do feminino. Demonstra com maestria como o discurso do Estado a politica e o discurso e a pratica da Igreja Católica interagem com as determinações das mudanças ocorridas nas três ultimas décadas no campo do que se chama hoje direitos reprodutivos. Exemplo precioso dessa complexa interação e o modo como mulheres católicas utilizam o proprio discurso religioso para afirmar suas decisões no campo reprodutivo.

O artigo Mulheres, sexualidade e AIDS um projeto de prevenção de Carmem Dora Guimarães apresenta um estudo realizado com mulheres numa clinica da Benfam no Rio e junto da Sociedade de Amigos da Vila Kennedy. Almejando analisar as atitudes em relação a sexualidade e ao uso do preservativo a pesquisadora tinha também a finalidade de desenvolver intervenções que permitam incentivar mulheres a conversar sobre sua sexualidade com os parceiros e a usar/negociar o preservativo. Utilizando 10 grupos focais, metodologia qualitativa com 40 pessoas e quantitativa com 220 mulheres, o material reunido traz contribuição importante ao conhecimento das atitudes em relação a prevenção da AIDS. Com as mulheres

da clinica na Vila Kennedy o estudo teve três fases e apresenta resultados importantes tais como a posição de vulnerabilidade das mulheres em relação a AIDS devido ao modo como se estruturam as relações de gênero que se traduzem nos dados epidemiológicos relativos ao aumento da transmissão heterossexual. Carmem Dora diz com precisão: No caso das mulheres suas condições e possibilidades são mais precarias que nos homens. É uma questão historica social e pessoal (p. 278). Não apenas o poder do virus mas a falta de poder (*powerless*) das mulheres faz de nos um alvo facil dessa epidemia. Registre-se que na fase de intervenção visando o *empowerment* de mulheres de baixa renda produziu-se uma revista em quadros chamada *Acorda Adelaide*.

O trabalho Construção social do discurso medico em torno da maternidade de Myriam Mitjavila e Laura Echeveste discute a relação da Medicina com a maternidade enfocando as representações simbólicas contidas no discurso medico sobre o aleitamento de pediatras de Montevideo a suas clientes. Tendo realizado um acompanhamento de consultas pediátricas, as autoras assinalam como são perceptíveis as diferenças de discurso de acordo com a situação social das clientes. Atraves de um exame da fala medica com seus enunciados, silêncios e gestos apontam como se constitui uma atribuição de valor social inferior ao corpo da mãe comparativamente ao do filho, assinalando desse modo como medicalização da maternidade e este reotipos sobre a mulher andam de mãos dadas.

Maria Auxiliadora Banchs da Venezuela traz a tona um tabu vivido com culpa, silêncio e vergonha por muitas mulheres em varias partes do mundo: o incesto. Reconstrução teorica de um caso de família incestuosa traz uma valiosa contribuição da Psicologia Social para os estudos desse tipo de violência contra a mulher. O recorte teorico do objeto de estudo adotado e o do interacionismo simbólico que preside a análise de um unico caso. Atraves de entrevistas observação participante e análise do processo judicial desvela-se a dinâmica familiar mostrando a cumplicidade e a resistência das mulheres nesta situação. O caso em exame e paradigmático da situação de incesto: o delito e mantido em segredo por longo tempo, a mãe apesar de ciente nega o fato culpando as filhas pelo acontecido. O incesto ocorre primeiro com a filha mais velha, estendendo-se depois as mais jovens. A interpretação se desenrola para afirmar que a família patriarcal e um *locus* privilegiado das relações de gênero.

estruturadas por relações de poder em que o incesto e um caso limite

O artigo "Normatização dos comportamentos reprodutivos e paradigmas médicos: estudo de caso em instituição de saúde para camadas médias de Estela Grassi Lilianna Raggio e Ana Gonzalez, introduz uma perspectiva antropológica no exame das regras que presidem os serviços médicos relativos aos comportamentos reprodutivos. Enfocando o atendimento de Ginecologia, Obstetrícia e Pediatria em uma instituição de saúde de Buenos Aires, as autoras discutem a relação entre medicalização da reprodução, via a prática institucional e a construção de comportamentos reprodutivos. Consistindo numa cultura peculiar que sanciona um número desejável de

filhos, um comportamento esperado em relação à contracepção e um cuidado particular com os filhos. Através de entrevistas e observação participante, delinea-se a questão do poder médico na construção do normal e do patológico, que tem como referência central um outro social que são os pobres.

*Alternativas Escassas* impõe-se como obra de referência para quem se dedica ao estudo ou à formulação de ações no campo dos direitos reprodutivos. Com temas variados e enfoque multidisciplinar, é um livro que se fala da penúria das opções para as mulheres, aposta na riqueza das interpretações que essa área merece.

ELIZABETH MELONI ■

ISABEL MIRANDA ■